



# PAZ E BEM

Edição Maio/Junho  
Ano 62 - Nº 369

ORDEM FRANCISCANA SECULAR (OFS DO BRASIL)

800

YEARS  
MEMORIALE  
PROPOSITI  
(1221-2021)

Ordem Franciscana Secular:  
800 anos da Memoriale Propositi



## **OS DONS DO ESPÍRITO**

### **O fogo do Espírito**

**Cristo, que recebeu o Espírito,  
foi pródigo com seus dons aos homens  
e continua a derramá-los sobre eles.  
Recebemos todos de sua plenitude (Jo 1, 46).  
Ninguém pode escapar ao seu calor (Sl 18, 7).  
É ele cujo fogo está em Sião e a fornalha em Jerusalém (Is 31,9).  
Cristo veio acender o fogo na terra.  
Por isso, ele se manifestou em línguas de fogo.  
Desse fogo já falava Jeremias:  
“Ele enviou do alto um fogo a meus ossos  
e ele me ensinou” (Lamentações 1,13).  
Devido à diversidade de carismas,  
o Espírito Santo é designado ora como fogo,  
ora como óleo, outras vezes como vinho e mesmo como água.  
Ele é fogo porque sempre ilumina.  
Aquele que por uma só vez se deixa arder por ele  
não cessa de queimar,  
quer dizer, de amar com ardor.  
Vim trazer o fogo à terra  
e não quero outra coisa senão que queime.**

**Pedro de Blois**

**1135-1204**



# Expediente

Ministra Nacional e Conselheira Internacional  
Maria José Coelho (MS)

Vice- Ministro  
Marco Antônio Dias Rodriguez (RJ)

Coordenador Nacional de Comunicação  
Márcio Bernardo de Oliveira Ramos (MG)

Jornalista Responsável:  
Leonardo Contin da Costa – MTB 6550/SC

Auxiliar da Comunicação:  
Bruno Pacheco

Equipe de Elaboração  
Aloysio de Mello Figueiredo Cerqueira (RJ)  
Daisy Lúcia M Ferreira (RJ)  
Frei Almir Ribeiro Guimarães, OFM (RJ)  
Maria Conceição Messias (RJ)  
Vilma Aguiar de Oliveira (RJ)

Correção:  
Juliana Caroline Goncalves Almeida (SP)  
Aline Milani Romeiro Pereira (RJ)  
Antonio Julio Martins (SP)

Redação e Administração  
Ordem Franciscana Secular do Brasil (OFS)  
Avenida Treze de Maio, 23, salas 2232 a 2234,  
Centro, Rio de Janeiro  
Cep: 20031-007  
Site: [www.ofs.org.br](http://www.ofs.org.br)  
E-mail: [pazebem@ofs.org.br](mailto:pazebem@ofs.org.br)  
Telefax: (21) 3172-4789 e (21) 99785-8960  
Caixa Postal 50052- CEO: 20050-971

Responsável pelas Assinaturas:  
Bruno Pacheco  
Contato: 21-2240.4565 - 2516-3478  
E-mail: [pazebem@ofs.org.br](mailto:pazebem@ofs.org.br)

Assinatura Anual R\$ 50,00  
Assinatura Bianual R\$ 90,00

Formas de Pagamento:  
- Cheque nominal a Ordem Franciscana Secular do Brasil,  
pagável no Rio de Janeiro.  
- Depósito em conta corrente:  
BANCO BRADESCO  
Agência 3176-3. Conta Corrente nº 13122-9  
BANCO DO BRASIL  
Agência 0392-1. Conta Corrente nº 0013.907-6  
- Diretamente no Secretariado Nacional da OFS

ATENÇÃO: ENVIE O COMPROVANTE DE DEPÓSITO

Arte/Diagramação/Capa:  
Ricardo Meneses  
[@ricardomeneses.adm](mailto:@ricardomeneses.adm)

Impressão:  
WalPrint, Gráfica e Editora  
[www.walprint.com.br](http://www.walprint.com.br)

A Revista Paz e Bem não tem finalidade de lucro. Algumas ilustrações são encontradas disponíveis na internet. Sempre procuramos fazer menção ao autor e à fonte. Caso alguém se sinta lesado, pedimos a gentileza para que entre em contato para a retirada do material em questão.

# Sumário

EDITORIAL	04
PALAVRA DO CONSELHO	05
TEMA DE ESTUDO CRISTÃOS FRANCISCANOS: Em torno do tema da formação	06
ENCONTROS COM O PAPA FRANCISCO Coração de Pai	08
PALAVRA DE SÃO FRANCISCO CARTA A UM MINISTRO: A Escola do Amor Crucificado	10
TEOLOGIA FRANCISCANA A Eclesiologia de Boaventura - Parte I	12
ESPIRITUALIDADE A Vida Eucarística: Perdão e Misericórdia	14
UM LAICATO FRANCISCANO Um Leigo Franciscano no Casamento e na Família	16
ESPECIAL Francisco e Maria: o amor de um pobre à Senhora pobre	18
QUANDO DEUS FALA "De resto, nem a circuncisão é alguma coisa, nem a incircuncisão, mas a nova criatura" (Gl 6,15)	20
GRANDES TEXTOS O SEU CORPO TINHA O ASPECTO DE QUEM DORMIA A passagem de Frei Antônio de Lisboa e de Pádua	22
PARA REFLETIR, REZAR E SORRIR Curiosidades	23
FORMAÇÃO A Formação e os irmãos do SEI	24
RETRATOS DE NOSSA GENTE Sermões Antonianos - O Legado do Santo	26
MEDITAÇÃO UMA VIDA DE FÉ SÓLIDA: Etapas e caminhos	28
COISAS NOSSAS Como eu vejo a OFS no Brasil - Alegrias e preocupações	30
OFS Ordem Franciscana Secular - 800 anos do "Memoriale Propositi"	32
JUFRA Nos caminhos de Canindé - A grande celebração do Jubileu vem aí!	34

## Dons, Modelos e Desafios

“Envia Teu Espírito, Senhor, e renova a face da Terra”. Pedimos sempre isso em todos os nossos encontros e reuniões na Igreja, nas Paróquias ou Fraternidades e, certamente, sabemos que essa Invocação do Espírito Santo deve refletir um desejo de estar sempre diante do Senhor e por Ele ser iluminado.

O momento de vida que todos estamos enfrentando nos coloca muitos **desafios** e torna mais importante ainda esta presença, para que vivamos os seus **Dons**. Para tanto, nos valem os **modelos** de vida, tais como **José**, ao qual este ano foi consagrado pelo Papa, e como **Maria**, considerada por Francisco como advogada, intercessora e protetora de sua Ordem. **Maria** que é filha (do Pai), esposa (do Espírito) e Mãe (do Filho), portanto, exemplo maior de comunhão com Deus.

Estes desafios, que se apresentam para toda a humanidade, devem ser vividos e enfrentados por nós franciscanos seculares, a partir da valorização e vivência de nosso carisma: em fraternidade (Universal), de modo desprendido e simples, e em missão, que começa em nossa família e em nossa fraternidade, mas também no trabalho e em todas as relações com as Criaturas do Senhor.

Num momento em que temos nos deparados com tantas perdas e tristezas, que saibamos também encontrar e transmitir a alegria... a Perfeita Alegria!

Que as muitas reflexões que se apresentam nesta edição (dentre elas os 800 anos da Memoriale Propositi, os trechos da Carta a um ministro, os sermões de Santo Antônio e outras) nos ajudem nesse caminho.

Antes de encerrar esse texto, gostaríamos de explicar que trazemos nesse momento uma reflexão sobre o contexto em que a Memoriale Propositi, documento da Igreja, foi escrita, servindo como guia para todos os penitentes, inclusive os que seguiam Francisco ao modo secular. Em uma próxima edição traremos outro texto, com outro enfoque, mais celebrativo, em virtude desse momento tão especial em que celebramos os 800 anos da Terceira Ordem.

Paz e Bem!

### Ordem Franciscana Secular do Brasil Conselho Nacional Triênio 2018 – 2021

<b>Maria José Coelho</b>	Ministra Nacional e Conselheira Internacional	coelhozeze@yahoo.com.br
<b>Marco Antônio Dias Rodriguez</b>	Vice-Ministro Nacional e Conselheiro Internacional Suplente	marcoadrodriuez.ofs@gmail.com
<b>Jucilene Caldas da Silva</b>	Conselheira Nacional para Área Norte	cilene_caldas@hotmail.com
<b>Paulo Gomes Mesquita</b>	Conselheiro Nacional para Área Nordeste A	pazebemofs@hotmail.com
<b>Ebevaldo Oliveira do Nascimento</b>	Conselheiro Nacional para Área Nordeste B	ebevaldo@hotmail.com
<b>Clodoaldo dos Santos</b>	Conselheiro Nacional para Área Centro - Oeste	clodaldo@escolaimaculada.com.br
<b>Maria Lúcia de Jesus Barbosa</b>	Conselheiro Nacional para Área Sudeste	luciamariamar@yahoo.com.br
<b>Aura Lana dos Reis Kamradt</b>	Conselheira Nacional para a Área Sul	aura.karadt@gmail.com
<b>Antônio Julio Martins</b>	Secretário Nacional	ajmartins@terra.com.br
<b>Felipe Paiva</b>	Tesoureiro Nacional	tesourariaofsbr@gmail.com
<b>Mayara Ingrid Sousa Lima</b>	Coordenadora Nacional de Formação	mayaingrid@yahoo.com.br
<b>Márcio Bernardo de Oliveira Ramos</b>	Coordenador de Comunicação	m3bernardo@gmail.com
<b>José de Ribamar Castro</b>	Assessor Jurídico	castrjd@uol.com.br
<b>Helmir Soares da Silva</b>	Animador Fraternal Nacional para JUFRA	helmir.sadia@hotmail.com
<b>Irmã Claudenice Aparecida Sabadin, FCM</b>	Assistente Espiritual Nacional OFS/JUFRA	clausabadin@hotmail.com
<b>Frei Francisco Alberto Bindá Libório, TOR</b>	Assistente Espiritual Nacional OFS/JUFRA	novoemailfco@yahoo.com.br
<b>Frei Arnaldo Cesar Rocha, OFMConv</b>	Assistente Espiritual Nacional OFS/JUFRA	freiarnaldoconv@gmail.com
<b>Frei José Maria Maia de Lima, OFMCap</b>	Assistente Espiritual Nacional OFS/JUFRA	frzemaria@gmail.com
<b>Frei Túlio de Oliveira Freitas, OFM</b>	Assistente Espiritual Nacional OFS/JUFRA	tulio.defreitas@hotmail.com
<b>Aluisio Victal</b>	Conselheiro Fiscal Efetivo	aluisio.victal@gmail.com
<b>Joseval Ferreira Ramos</b>	Conselheiro Fiscal Efetivo	jvalramos1@gmail.com
<b>Maria Izabel</b>	Conselheiro Fiscal Efetivo	bel.barbosa1000@outlook.com
<b>José Douglas Soares Cordeiro de Souza</b>	Secretário Fraternal (Presidente) Nacional da JUFRA do Brasil	josedouglas_cordeiro@hotmail.com
<b>Nunes Dantas da Silva</b>	Conselho Fiscal Suplente	nuneso@yahoo.com.br
<b>Mário Zanchetta Sobrinho</b>	Conselho Fiscal Suplente	mariozancheta@terra.com.br
<b>Cleide Aparecida Marchi</b>	Conselho Fiscal Suplente	capmarchi@terra.com.br

# PALAVRA DO CONSELHO

*“De braços com a vida em missão na história.”*

Desde o final de junho de 2020, com o Tríduo Celebrativo da Terceira Ordem Franciscana, a Juventude Franciscana do Brasil, vivencia, com muita alegria, o seu Ano Jubilar, ou seja, comemoramos os 50 anos da nossa fraternidade nacional.

Tudo começou em 1971, na cidade de Recife/PE, mais precisamente na reunião do Conselho Nacional da Ordem Franciscana Secular (OFS), de obediência Capuchinha, ainda dividida na época pelos ramos da Primeira Ordem. Nessa reunião, foi convidada a participar a JUFRA de Ponta Grossa/PR, devido ao seu dinamismo e empenho, a qual foi representada pela jufrista Ivone Barszcz. Estava também presente o então Ministro Geral dos Capuchinhos, o Frei Pascoal Riowski, *“o qual solicitou à OFS que desse ao movimento jufrista uma organização nacional. Ivone foi nomeada Presidente Nacional da JUFRA e voltou à Ponta Grossa com o encargo de organizar uma Equipe Nacional com os jufristas da sua Fraternidade”* (Histórico, Organização e Objetivos – Livro da Etapa de Formação Inicial da JUFRA).

Sabemos que existiram experiências anteriores a esta data em diversas localidades do nosso país, mas a partir desta nomeação é que nasce a fraternidade nacional de JUFRA. Do referido tríduo pra cá, todas as nossas atividades enquanto JUFRA do Brasil tem sido envolvidas pela temática dos 50 anos, sempre de braços com a vida em missão na história, lembrando das alegrias e dificuldades nesse caminho e agradecendo ao Senhor por esse movimento. Vivenciar o Jubileu de Ouro é tempo propício de trazeremos à memória todos aqueles que nos antecederam e construíram a caminhada da nossa fraternidade nacional: jufristas, irmãos da OFS, frades e freiras, irmãos de organizações parceiras que acreditaram e acreditam nesse “luminoso ideal de vida”, como bem disse São João Paulo II.

Por isso, meus irmãos, a palavra desse Ano Jubilar não pode ser diferente: é agradecer. Agradecer a Deus por

Minhas irmãs e meus irmãos, paz e bem!

tantas graças, por esse movimento de características simples, mas de grande influência na transformação da vida de tantos jovens. Nesse Ano Jubilar que vivenciamos, que tudo nos remeta a conhecer/reconhecer a nossa história, para que, a partir dela, consigamos reconstruir, no agora, a Igreja, a Sociedade, a Família Franciscana, os Jovens. Celebremos! Celebremos como Família Franciscana!

Vivenciando o Jubileu, destacamos os Encontros Celebrativos Virtuais, celebrados com a OFS e a Família Franciscana. No último dia 30 de janeiro, data oficial dos 50 anos, realizamos uma Celebração Eucarística, transmitida diretamente de Anápolis/GO, terra que nos acolheu no último Congresso Nacional da JUFRA, onde agradecemos por tudo que o Senhor nos deu. No dia 06 de março, dia que em que fazemos memória de Santa Rosa de Viterbo, nossa padroeira, dia do/da jufrista, realizamos um Sarau, no qual diversos irmãos do Brasil cantaram, recitaram e celebraram a nossa vida em fraternidade! Nesse dia oferecemos um belo presente: o Caderno Nacional de Formação, onde trazemos as flores nesses últimos 10 anos de caminhada do nosso movimento. Temos, ainda, muito mais até chegarmos em Canindé/CE, onde, como Família, iremos celebrar as maravilhas do Senhor.

Não podia finalizar sem fazer um pedido: que os jufristas, juntamente com os irmãos da OFS, eternos jufristas, a Infância e Adolescência Franciscana e a Família Franciscana, vivenciem esse ano jubilar, ano este que celebramos também os 800 anos da Primeira Regra da OFS e, assim, da Terceira Ordem Regular (TOR). Por isso, peço às fraternidades locais que promovam encontros para resgatar a história da OFS e JUFRA, para que amemos ainda mais o nosso movimento, a nossa Ordem. Por fim, ainda vivenciando esse tempo marcado pela grave crise causada pela pandemia do coronavírus, possamos cada vez mais reafirmar o nosso ser franciscano: denunciando, profetizando, esperando e cantando!

Fraternalmente,

JOSÉ DOUGLAS SOARES CORDEIRO DE SOUZA, OFS/JUFRA  
Secretário Fraternal Nacional da JUFRA do Brasil



# CRISTÃOS FRANCISCANOS

## Em torno do tema da formação

● Estamos sempre em “estado de formação” e de reconstrução de nosso ser, daquilo que somos, do que queremos ser: pessoas, cristãos e franciscanos. Queremos fazê-lo da melhor maneira possível. Não existe apenas uma rápida formação inicial ao fim da qual receberíamos um carimbo num belo papel com a palavra “aprovado”. Tudo recomeça. A vida dá suas voltas. Antes e ao mesmo tempo em que vivemos nossa vocação de estar no mundo, de ir, vamos modelando nosso rosto franciscano para, modestamente, refazer um tecido roto ou repor pedras desmoronadas na Igreja e no mundo. “Francisco vai e reconstrói a minha Igreja”.

● A formação inicial e a permanente começam sempre por uma intuição básica: pensamos que por detrás de cada ser existe algo grande e original, que muitas vezes se esconde ao olhar superficial. É o projeto de Deus para cada um. E, como tudo o que vem de Deus, o projeto refere-se à vida, à vitalidade ao desenvolvimento do ser, à abundância da vida. “Eu vim para que tenham vida e tenham em abundância”, disse Jesus.

● A vida dos frades menores e dos irmãos seculares tem que ser um espaço em que todos possam desenvolver os dons que receberam. Por isso, em nossas fraternidades, ajudamo-nos uns aos outros a descobrir a graça pessoal do trabalho e da missão. Aprendemos a forma de nos colocar a serviço dos outros. Desse modo, a fraternidade é multicolor. Sempre verdadeira fraternidade, mas diversa em seu modo de ser e em sua missão. Insistimos na palavra missão. Não somos guetos de busca de perfeição individual.



● Para levar a cabo nosso ser e nosso agir franciscano, o homem-irmão, estas seriam algumas características:

☐ Saber valorizar e estimar a própria pessoa, aceitá-la como original e única. Desenvolver sua personalidade, sobretudo na linha de uma correta liberdade pessoal, sem amarras doentias, com capacidade de relacionamento e de trabalhar com alegria e entusiasmo. Gostar da vida, eliminar posturas negativas, insisto, gostar de viver, aceitando também que a vida tem cruzes, dores e ausências. Esta é uma pauta importante nas diferentes etapas da formação. Os que professam em nossas Ordens estão conscientes disto?

☐ Saber relacionar-se com os outros com normalidade. Transmitir aos outros o que de mais valioso cada um tem na vida. Oferecer sua pessoa numa atitude de carinho. Estamos falando da vida franciscana. Não idealizar os relacionamentos porque há os riscos e as faltas de transparências. O pecado está em mim e no outro. É capaz de descobrir a grandeza e a miséria da fraternidade e procura estimar seus irmãos com realismo.

☐ Na fraternidade o franciscano aprende a fazer escolhas que levam a procurar o “tesouro escondido”; descobre a Deus como Pai e a Jesus como Alguém para seguir incondicionalmente. Um sereno empenho de sempre, de novo, investigar os campos da vida, do mundo onde vamos sempre buscar esse tesouro, como se busca uma fonte no deserto. Nunca numa morna repetição de declarações enfáticas muito piedosas, mas sem vida. Escolher o “tesouro”.

☐ Num empenho de desprendimento, aquele que vai sendo, sempre, de novo formado, toma consciência de que precisa voltar-se para os outros. Desapropriado de si mesmo, investe suas melhores energias em viver o caminho do Evangelho de Jesus e, por isso, evangeliza com sua vida a todos que vai encontrando pelo caminho, com sua amizade

e sua pessoa e partilhando a vida. Anuncia-lhes a Boa Nova de Jesus, fala-lhes de Deus mais com a vida e o testemunho do que com os lábios.

☐ Não é um homem perfeito, nem um herói solitário. É um irmão que vive em fraternidade com seus irmãos que, como ele, continuam sua caminhada, sempre em busca. E, como se sente pobre, necessita cada vez mais de irmãos e de quem recebe carinho e amizade de uma mãe, que torna possível o milagre do amor de cada dia.

☐ Uma fraternidade franciscana com claras marcas: sentido de pertença, a ponto de a pessoa não entender-se sem os irmãos; fraternidade que se converta num lugar de encantamento devido à fé nos próprios irmãos, numa vida de oração convincente, onde a Eucaristia ocupe o centro; comunhão fraterna, onde se experimente o acolhimento, a ternura e a amizade, acompanhadas de reconciliação e correção fraternas.

☐ Fraternidade que tem que ser de menores entre os menores, para que, de fato, se possa experimentar o débil, o menor, o pobre: que os pobres sejam, para além de belas palavras, os primeiros mestres e amigos.

☐ Valorizar e cultivar a empatia, que consiste em captar a vivência do outro numa atitude de compreensão e identificação. Assim, aproximar-se da realidade do outro, acolhendo seu horizonte de vida, seus valores, sua condição, seu modo de pensar, suas experiências, sua história, seus problemas e suas expectativas. Mais do que conhecer e compreender: trata-se de uma sensível capacidade de intuir a posição essencial do outro. A indiferença é grave indisponibilidade no tocante ao conhecimento do outro.



## “Coração de Pai”

Para celebrar os **150 anos** da declaração do Esposo de Maria como Padroeiro da Igreja Católica, o Papa Francisco convocou o ano de 2021 como o “Ano de São José” e o fez na Carta apostólica “**Patris corde – Com coração de Pai**”, onde destacamos a figura de José, modelo para todos nós (\*).

(\*) baseado adicionalmente no artigo “Papa convoca o “Ano de São José”, disponível originalmente no site *Vatican News* e na Carta Apostólica *Patris Corde*.

**C**om coração de pai, José amou a Jesus, designado nos quatro Evangelhos como “o filho de José”. Ele era um humilde carpinteiro (cf. Mt 13, 55), desposado com Maria (cf. Mt 1, 18; Lc 1, 27); um “homem justo” (Mt 1, 19), sempre pronto a cumprir a vontade de Deus, manifestada na sua Lei (cf. Lc 2, 22.27.39) e através de quatro sonhos (cf. Mt 1, 20; 2, 13.19.22).

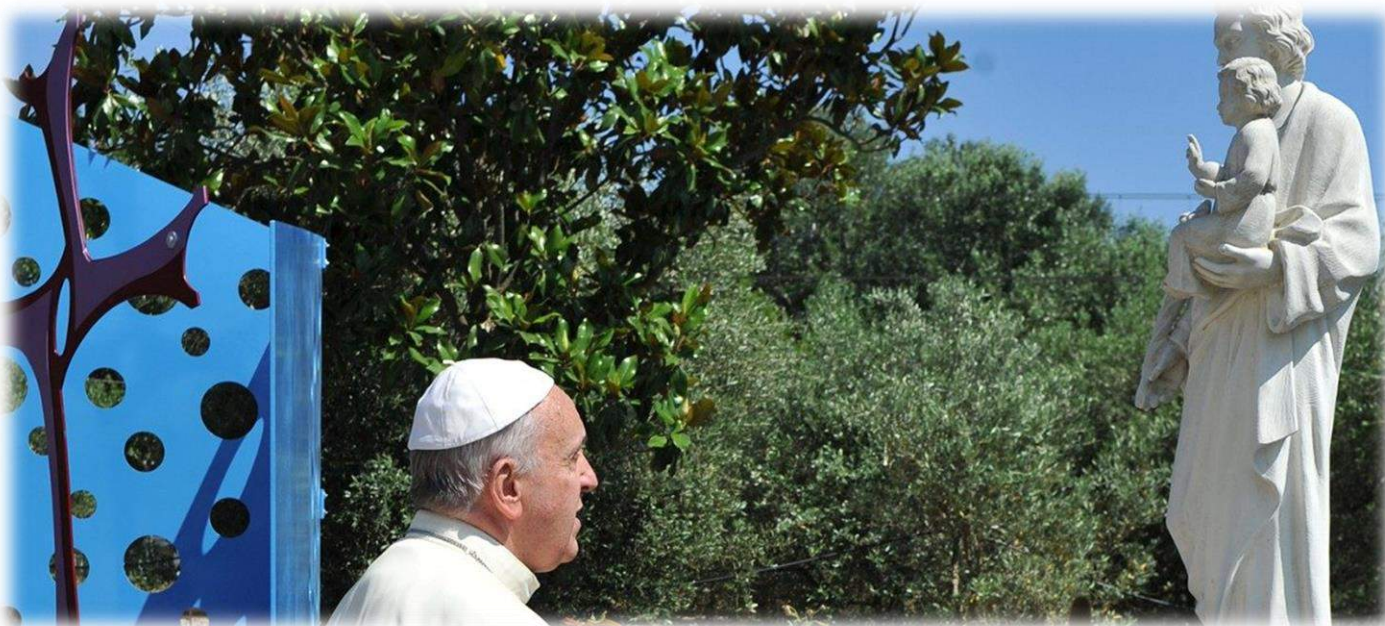
Ele viu, em Belém, o Messias nascer num estábulo, “por não haver lugar para eles” (Lc 2, 7) noutra sítio. Foi testemunha da adoração dos pastores (cf. Lc 2, 8-20) e dos Magos (cf. Mt 2, 1-12), que representavam, respectivamente, o povo de Israel e os povos pagãos. Depois de Maria, a Mãe de Deus, nenhum Santo ocupa tanto espaço no magistério pontifício como José, seu esposo.

São José pode e deve ser modelo para todos aqueles que estão, aparentemente, escondidos ou em segundo plano pois “as nossas vidas são tecidas e sustentadas por pessoas comuns (habitualmente esquecidas), que não aparecem nas manchetes dos jornais e revistas, nem nas grandes passarelas do último espetáculo, mas que hoje estão, sem dúvida, a escrever os acontecimentos decisivos da nossa história.

Quantas pessoas, dia a dia, exercitam a paciência e infundem esperança, tendo a peito não semear pânico, mas corresponsabilidade! Quantos pais, mães, avôs e avós, professores, mostram às nossas crianças, com pequenos gestos do dia a dia, como enfrentar e atravessar uma crise, readaptando hábitos, levantando o olhar e estimulando a oração! Quantas pessoas rezam, se imolam e intercedem pelo bem de todos”.

Todos podem encontrar em São José – o homem que passa despercebido, o homem da presença quotidiana discreta e escondida – um intercessor, um amparo e uma guia nos momentos de dificuldade.

São José lembra-nos que todos aqueles que estão, aparentemente, escondidos ou em segundo plano, têm um protagonismo sem paralelo na história da salvação.





## SÃO JOSÉ, UM EXEMPLO PARA OS HOMENS DE HOJE

### PAI AMADO

A grandeza de São José consiste no fato de ter sido o esposo de Maria e o pai de Jesus, colocando-se inteiramente ao serviço do plano salvífico. Fez da sua vida um serviço, um sacrifício, ao mistério da encarnação e à conjunta missão redentora, usando da autoridade legal que detinha sobre a Sagrada Família para lhe fazer dom total de si mesmo, da sua vida, do seu trabalho. Converteu a sua vocação humana ao amor doméstico na oblação sobre-humana de si mesmo, do seu coração e de todas as capacidades no amor colocado ao serviço do Messias nascido na sua casa.

### PAI NA TERNURA

Dia após dia, José via Jesus crescer “em sabedoria, em estatura e em graça, diante de Deus e dos homens” (Lc 2, 52). Como o Senhor fez com Israel, assim ele ensinou Jesus a andar, segurando-O pela mão: era para Ele como o pai que levanta o filho contra o seu rosto, inclinava-se para Ele a fim de Lhe dar de comer (cf. Os 11, 3-4). Jesus viu a ternura de Deus em José: “Como um pai se compadece dos filhos, assim o Senhor Se compadece dos que O temem” (Sal 103, 13).

### PAI NA OBEDIÊNCIA

José sentiu uma angústia imensa com a gravidez incompreensível de Maria: mas não quis “difamá-la”, [14] e decidiu “deixá-la secretamente” (Mt 1, 19). Em sonho, o anjo ajuda-o a resolver o seu grave dilema: “Não temas receber Maria, tua esposa, pois o que Ela concebeu é obra do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho, ao qual darás o nome de Jesus, porque Ele salvará o povo dos seus pecados” (Mt 1, 20-21). A sua resposta foi imediata: “Despertando do sono, José fez como lhe ordenou o

anjo” (Mt 1, 24). Com a obediência, superou o seu drama e salvou Maria.

Em todas as circunstâncias da sua vida, José soube pronunciar o seu *fiat* (faça-se), como Maria na Anunciação e Jesus no Getsêmani.

### PAI NO ACOLHIMENTO

José acolheu Maria, sem colocar condições prévias. Confiou nas palavras do anjo. A vida espiritual que José nos mostra não é um caminho que explica, mas um caminho que acolhe. Só a partir deste acolhimento, desta reconciliação, é possível intuir também uma história mais excelsa, um significado mais profundo.

A fé que Cristo nos ensinou é a que vemos em São José, que não procura atalhos, mas enfrenta de olhos abertos aquilo que lhe acontece, assumindo pessoalmente a responsabilidade por isso. O acolhimento de José convida-nos a receber os outros, sem exclusões, tal como são, com uma predileção especial pelos mais frágeis, porque Deus escolhe o que é frágil (cf. 1 Cor 1, 27), é “pai dos órfãos e defensor das viúvas” (Sal 68, 6) e manda amar o forasteiro.

### PAI TRABALHADOR

Um aspeto que caracteriza São José – e tem sido evidenciado desde os dias da primeira encíclica social, a *Rerum Novarum* de Leão XIII – é a sua relação com o trabalho. São José era um carpinteiro que trabalhou honestamente para garantir o sustento da sua família. Jesus aprendeu com ele o valor, a dignidade e a alegria do que significa comer o pão, fruto do próprio trabalho.

Neste nosso tempo em que o trabalho parece ter voltado a constituir uma urgente questão social e o desemprego atinge, por vezes, níveis impressionantes, mesmo em países onde se experimentou durante várias décadas um certo bem estar, é

necessário tomar renovada consciência do significado do trabalho que dignifica e do qual o nosso Santo é patrono e exemplo. Peçamos a São José Operário que encontremos vias onde possamos nos comprometer até se dizer: nenhum jovem, nenhuma pessoa, nenhuma família sem trabalho!

### PAI NA SOMBRA

A figura de José foi para Jesus a sombra na terra do Pai Celeste: guardou-O, protegeu-O, seguiu os seus passos sem nunca se afastar d’Ele. Assim, José exerceu a paternidade durante toda a sua vida. Não se torna pai apenas porque se colocou no mundo um filho, mas porque se cuida responsabilmente dele. Sempre que alguém assume a responsabilidade pela vida de outrem, em certo sentido exercita a paternidade a seu respeito.

Todas as vezes que nos encontramos na condição de exercitar a paternidade, devemos lembrar-nos que nunca é exercício de posse, mas sinal que remete para uma paternidade mais alta. Em certo sentido, estamos sempre todos na condição de José: sombra do único Pai Celeste, que “faz com que o sol se levante sobre os bons e os maus, e faz cair a chuva sobre os justos e os pecadores” (Mt 5, 45); e sombra que acompanha o Filho.

São José soube transformar um problema numa oportunidade, antepondo sempre a sua confiança na Providência. Ele enfrentou os “problemas concretos” da sua Família, exatamente como fazem as outras famílias do mundo, em especial aquelas migrantes. Protetor de Jesus e de Maria, José “não pode deixar de ser o Guardião da Igreja”, da sua maternidade e do Corpo de Cristo: todo necessitado é “o Menino” que José continua a guardar e de quem se pode aprender a “amar a Igreja e os pobres”.

**A sua figura é exemplar num mundo que “precisa de pais e rejeita os dominadores”, rejeita quem confunde “autoridade com autoritarismo, serviço com servilismo, confronto com opressão, caridade com assistencialismo, força com destruição”.**

### Dirijamos-lhe a nossa oração:

“Salve, guardião do Redentor e esposo da Virgem Maria! A vós, Deus confiou o seu Filho; em vós, Maria depositou a sua confiança; convosco, Cristo tornou-Se homem.

Ó Bem-aventurado José, mostrai-vos pai também para nós e guiai-nos no caminho da vida. Alcançai-nos graça, misericórdia e coragem, e defendei-nos de todo o mal. Amém.”



FREI TÚLIO DE OLIVEIRA FREITAS, OFM  
Assistente Espiritual Nacional – OFS/JUFRA

## CARTA A UM MINISTRO:

### *A Escola do Amor Crucificado*

**N**os propomos aqui a fazer um brevíssimo ensaio em forma de comentário sobre alguns versículos da Carta dirigida por Francisco a um Ministro. Temos consciência da forma caseira de nosso estudo, partindo de uma leitura não tanto autorizada por rigor científico, mas muito mais por um filho que procura sentir os sentimentos de um pai, isto é, descobrir o que o movia no mais íntimo ao escrever palavras tão inflamadas do mais radical encontro com o mistério da Cruz.

Segue-se, desse modo, parte do texto:

A respeito do estado de tua alma, digo-te da maneira como posso: aquelas coisas que te impedem de amar o Senhor Deus, bem como aqueles que te opuserem obstáculo, irmãos ou outros, tudo debes ter como graça, até mesmo se te açoitarem. E queiras que seja desta maneira e não de outra. Tenhas isto como verdadeira obediência do Senhor Deus e minha, pois sei firmemente que esta é a verdadeira obediência. E ama aqueles que te fazem estas coisas. [...]. Considera isto mais que um eremitério. (Mn 2-5.8)

Muito possivelmente essa carta foi escrita em resposta a um ministro provincial, o qual parece padecer em sua vida espiritual devido a dificuldades enfrentadas com relação a alguns frades que caíam em pecado ou mesmo algumas pessoas de fora que se tornavam obstáculo para ele viver no amor de Deus e lhe perturbavam. Procurando uma solução para esta realidade, o referido ministro pede a Francisco a permissão para se retirar em um eremitério, na busca de sossego, paz e maior tempo para cultivar sua vida espiritual. “A resposta de Francisco nos permite vislumbrar sua profunda e pessoal santidade e sua compreensão das dificuldades de um superior e da importância de lidar com essas dificuldades pela obediência e conformação à vontade de Deus.”<sup>1</sup>

A Carta em si é expressão da paternidade e fraternidade de Francisco, que deseja cuidar dos frades, não lhes oferecendo qualquer resposta ou conselho mas, sim, lhes confiando o mais profundo de si, o tesouro por ele descoberto. Ele permite que tomem parte no mais íntimo de si, onde residia a Inspiração por ele recebida do Senhor. Quando ele reparte o pão<sup>2</sup> da Divina Inspiração, se faz companheiro, fundador, pai e irmão.

Nos atentemos por ora ao trecho acima citado. Uma questão se desponta ao fundo das sentenças

escritas na Carta, e aquela é especialmente visível no trecho trazido aqui. Falamos da questão do amor ao Senhor Deus. O que é o amor ao Senhor, como realmente amá-lo? Existe um modelo sobre como aprender o amor agradável ao Senhor? O ministro parece profundamente inquieto e perturbado com essa questão, e não apenas inquieto, mas até envolto de obstáculos que o impedem de amar o Senhor como ele gostaria. O ministro sinaliza ter em mente que a solução seria afastar-se daqueles que se colocam em seu caminho como obstáculo para, assim, poder ter paz para amar o Senhor. Há aqui uma contraposição clara – entre os irmãos que lhe são difíceis e o amor a Deus. O amor ao Senhor não suporta aquilo que nos é difícil? Retirar-se para dedicar-se ao único ofício de amar seria se afastar dos frades e da obediência, em algum sentido também seria negar aquela realidade em busca de uma “melhor”, conforme assim acredita o irmão ministro.

Como Francisco lida com essa forma de compreensão? Para ele, o que é o amor a Deus? Para melhor olharmos por dentro dessas perguntas, precisamos nos desvencilhar de uma série de impressões líquidas, próprias de nosso tempo, evocadas pelo uso do termo “amor”. De tão utilizado se tornou desbotado e uma palavra tão flácida diante de suas raízes mais originais. “O

termo ‘amor’ tornou-se hoje uma das palavras mais usadas, e mesmo abusadas, à qual associamos significados completamente diferentes”, como recorda o papa emérito Bento XVI, na Encíclica *Deus caritas est*. Ainda sobre o uso do termo “amor”, um estudo sobre a Vida e Regra da OFS nos recorda que “Francisco sempre que em seus Escritos fala do Amor de Deus segue o Evangelho, usando o verbo latino *diligere*, e quando fala sobre o nosso amor, do amor do homem, emprega sim o nosso já surrado verbo *amare* (amar).”<sup>3</sup> Por *diligere* se compreende um amor envolvido por zelo, cuidado, atenção, rigor, enfim, um amor que se faz todo doação e entrega, não é voltado a si, é o amor na pobreza.

O seráfico Pai exorta o irmão ministro a uma mudança radical em sua forma de viver aquela realidade, em seu caminho para o amor a Deus. Para Francisco, tudo aquilo ou aqueles que eram obstáculo poderiam se converter em graça divina, ainda se chegasse aos açoites. São vistos a partir de um novo olhar, o olhar da Cruz. Um assemelhamento radical a Jesus. Mas afinal, a que graça Francisco se refere? Da graça de seguir em tudo o Senhor e de amar como Ele, e por Ele e n’Ele. “Como eu vos amei, amai-vos também uns aos outros. Nisso conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros” (Jo 13, 34b-35).

<sup>1</sup> Introdução à Carta a um Ministro, cf. Omnibus of Sources, Asian Trading Corporation, Bangalore-Índia.

<sup>2</sup> Cf. 2Cel 209.

<sup>3</sup> OFS-SUL/3; *Penitência Evangélica*. Porto Alegre-RS: 2019.

“Nisto conhecemos o Amor: que ele deu sua vida por nós” (1Jo 3,16). É o amor oblato e radical, o qual só se é possível em Deus; o coração humano sozinho, sem o auxílio da graça divina, não é capaz de amar assim. Por isso Francisco também recomenda ao ministro a conformação com as dificuldades tais como elas são. “E queira que seja desta maneira e não de outra”. É a acolhida despojada de si, gratuita, abandonada, que aceita, que se abre incondicionalmente para a graça do Senhor, que torna as adversidades em oportunidade da graça de seguir o Senhor, o Bom Pastor<sup>4</sup>. “Meu Pai, se não é possível, que isto passe sem que eu o beba, seja feita a tua vontade!” (Mt 26, 42) Sim, amar com o mesmo amor que Jesus amou o Pai.

Francisco admoesta o irmão a permanecer na fidelidade ao Senhor e a ele, por meio do enfrentamento ou “abraçamento” daquela realidade espinhosa que ele atravessava, assim como Cristo foi fiel ao Pai, “humilhou-se e foi obediente até a morte e morte de cruz!” (Fl 2,8). A essa atitude o seráfico Pai chama de verdadeira obediência, e ele o sabe “firmemente que é a verdadeira obediência”. É importantíssimo considerar o quão fundamental é a obediência para a vida franciscana. Sem ela não haveria possibilidade de seguir o Senhor, isto é, viver a vocação franciscana. Francisco, na Regra não Bulada, cap. V, nos permite compreender que estar na obediência é equiparado a viver nossa Regra e Vida. “E à medida que perseverarem nos mandamentos do Senhor, que prometeram pelo santo Evangelho e por sua própria vida, saibam que estão na verdadeira obediência e sejam abençoados pelo Senhor (cf. Sl 113,15)” (v.17).

Seguindo esse caminho, na Admoestação III, encontramos uma importante descrição feita por Francisco da obediência perfeita. Frei Caetano Esser, OFM, ao discorrer acerca dessa

Admoestação, destaca o caráter sacrificial da obediência de Cristo, que se torna nossa pela forma de vida. A “obediência torna-se certamente um sacrifício, no qual oferecemos totalmente a Deus, pois que renunciamos a tudo e nos abandonamos a nós mesmos. Mas este sacrifício na obediência introduz-nos dentro do sacrifício de Cristo [...]. Por isso, continua Francisco: ‘Esta é com efeito a verdadeira obediência na caridade, que agrada a Deus e ao próximo’<sup>5</sup>. Na obediência aprendida de Cristo por Francisco, todos os acontecimentos da vida, ainda que aborrecimentos e perseguições, se tornam dependentes da vontade de Deus: “Deus meus et omnia!”<sup>6</sup>

Ainda como face íntima do Amor ao Senhor expresso na verdadeira obediência, está o amor aos inimigos, isto é, àqueles que causavam injúrias ao irmão ministro. Francisco compreende que o caminho da aceitação daquela realidade, não tem nada de passividade, de inatividade, mas é o movimento inteiro de dar-se a si, mover-se em direção à vontade do Pai, é a plenitude do amor, da vida que se doa e esta atitude implica o amor pelos inimigos, assim como Jesus se entrega na Cruz para a salvação de todos. Recorremos à IX Admoestação para ouvir mais do Pai seráfico sobre esse amor: “Diz o Senhor: *Amai vossos inimigos [fazei o bem àqueles que vos odeiam, e orai por aqueles que vos perseguem e caluniam]* (Mt 5,44). Ama verdadeiramente ao seu inimigo quem não se lamenta por causa da injúria que este lhe faz, mas, por amor de Deus, se consome por causa do pecado de sua própria alma. E *mostre-lhe por obras* (cf. Tg 2,18)”.

O amor aos que causam injúrias ou são causa de aborrecimento é o que torna o seguimento do Senhor autêntico, o livra de ser qualquer obra de amor próprio, complacência ou vaidade. Aqui o amor torna-se esvaziamento e pobreza, toma o próprio modo de amor

de Deus, “o qual faz que o sol se levante sobre os bons e os maus e faz cair a chuva sobre os justos e os pecadores” (Mt 5,45). Naquele que assim ama, “o pensamento de Deus, o querer de Deus, o amor de Deus, tornou-se lhe como algo de próprio. Esse tal é – segundo as palavras de Cristo – filho do Pai que está nos céus. É também realmente discípulo de Cristo, como pretende de nós a Regra não Bulada no capítulo nono!”<sup>7</sup>

“Considera isto mais que um eremitério.” Isso tudo vale mais que um eremitério, afirma Francisco. Não há aqui qualquer desprezo da dimensão eremítica da vida franciscana. Há sim, por excelência, uma exaltação do caminho de Amor ao Senhor Deus que se configura na obediência perfeita, como participação na obra redentora de Cristo e “realiza com Cristo a oferta da própria vontade, para que Deus seja glorificado em todos. Esta obediência agrada a Deus! Ele, porém, atualiza na Igreja a obediência redentora de Cristo, conservando-a Igreja salvífica e santificante. Esta obediência é de salvação para o próximo! (*Eis a grande missão do ministro – colaborar a custo de sua vida para a salvação dos irmãos, assim se seguirá o conteúdo da carta* [enxerto nosso]). Esta é a grandeza da nossa profissão. Para isso dissemos o nosso ‘sim’ quando prometemos na profissão viver em obediência, nesta verdadeira obediência dentro da caridade de Nosso Senhor Jesus Cristo”<sup>8</sup>.

É audível a voz de Francisco ao irmão ministro: corra sem demora, filho meu, irmão meu, para junto da cruz de Jesus, se agarre a ela e não a solte. Seja um homem reconciliado pelo amor salvador de Jesus, receba-o como dom para oferecê-lo como graça. Ali se é amado e se aprende a amar<sup>9</sup>, com Aquele que, mesmo não sendo amado, não cessa de amar. Eis, para os franciscanos, a escola do Amor não amado, a escola da obediência, da pobreza e da fraternidade.

#### REFERÊNCIAS

- BENTO XVI. *Deus caritas est*. São Paulo: Paulus; Loyola, 2005  
ESSER, Caetano. *Exortações de Francisco de Assis*. Trad. David de Azevedo, ofm. Braga-PT: Editorial Franciscana, 1976.  
FONTES FRANCISCANAS. Trad. Celso Márcio Teixeira...[et.al.] Petrópolis: Vozes, 2004.  
OFS-SUL/3, *Penitência evangélica*: Vida e Regra da Ordem Franciscana Secular. Porto Alegre-RS, 2019.  
Omnibus of Sources. Asian Trading Corporation: Bangalore-Índia, 1983.

<sup>4</sup> Cf. Adm IV – A imitação de Cristo.

<sup>5</sup> (1976, p. 60).

<sup>6</sup> “Meu Deus e Tudo” (Atos do Bem-aventurado Francisco, 1, 21).

<sup>7</sup> ESSER, 1976, p. 136.

<sup>8</sup> *Idem*, p. 61.

<sup>9</sup> “Quem quer dar amor deve ele mesmo recebê-lo em dom. Certamente, o homem pode – como nos diz o Senhor – tornar-se uma fonte de onde correm rios de água viva (cf. Jo 7, 37-38); mas,

para se tornar semelhante fonte, deve ele mesmo beber incessantemente da fonte primeira e originária que é Jesus Cristo, de cujo coração trespassado brota o amor de Deus (Jo 19,34). (BENTO XVI, *Deus caritas est*, p. 15)



# A Ecclesiologia de Boaventura - Parte I

**D**ando continuidade ao nosso estudo sobre a teologia franciscana, tendo como tema a ecclesiologia franciscana, esse texto apresenta o resumo sobre a ecclesiologia de São Boaventura, segundo Alfonso Pompei, no "Manual de Teologia Franciscana", que está dividido em três partes. Não precisamos mais apresentar quem foi São Boaventura, pois já foi publicado na nossa Revista Paz e Bem (edição set/out-2020; página 12).

Nesta primeira parte do resumo teremos dois assuntos: a riqueza da ecclesiologia bonaventuriana e a ecclesiologia histórico-jurídica de Boaventura.



## a) A riqueza da ecclesiologia bonaventuriana

As principais questões referentes à estrutura visível, hierárquica, da Igreja, especialmente as que se referem ao papado e às prerrogativas papais, são destacadas na ecclesiologia de São Boaventura.

É muito claro que o seu interesse prevalece nos aspectos místico-sacramentais. Pode-se dizer que seu interesse está mais nas características humano-divinas da Igreja do que nas jurídico-sociais ou visíveis.

A revalorização medieval sobre os elementos místicos como ponto de partida para explicar a Igreja em sua totalidade e de forma concreta corresponde ao pensamento de Boaventura, que explica as relações entre

Cristo e a Igreja usando as palavras "cabeça", "mediador", "hierarca" e "coração" da Igreja. Boaventura usa essas palavras também para explicar a origem da Igreja, de sua vida e da presença de Cristo na Igreja. Essa relação que mostra uma dependência da Igreja ao Cristo, que é sua Cabeça, é interna e externa. A relação interna exige a externa. Isso acontece porque a Igreja tem como missão o prolongamento da função sacerdotal, profética e real de Cristo na história e no espaço.

Boaventura usa conceitos e imagens para expressar a natureza e a unidade da Igreja e, assim, é possível perceber que em seus escritos existem a presença

e justificação de três tipos de comunhão eclesial, ou seja, de três níveis da unidade da Igreja:

**Nível 1:** da comunhão corporal, no aspecto visível jurídico da Igreja, destacando as relações sociais entre os membros; trata-se da Igreja-sociedade, estando em evidência a autoridade.

**Nível 2:** com a comunhão interior, tendo como destaque a graça e a caridade, que une os membros

**Nível 3:** com a comunhão corporal exterior e interior, destacando-se os sacramentos, especialmente a Eucaristia, que atualizam a ação de Cristo e constroem a Igreja.

Os textos de Boaventura sobre eclesiologia são apresentados a partir de três pontos:

1. Cristo e seu corpo místico
2. O Espírito Santo e a Igreja
3. Maria e a Igreja

A história doutrinal desenvolveu a eclesiologia, primeiramente, no nível histórico-jurídico, que coloca em primeiro plano a autoridade na Igreja, unidade aos apóstolos e a Cristo, seu Fundador e Cabeça. Em seguida, uma eclesiologia sacramental, que destaca a ação de Cristo e, por último, uma eclesiologia pneumatológica, que concretiza a presença de Cristo nas realidades sacramentais, porque é o Espírito Santo de Cristo que realiza essa ação. Nos textos de eclesiologia de Boaventura encontramos as três, porém a eclesiologia sacramental é o seu ponto de partida.

#### **b)A eclesiologia histórico-jurídica de Boaventura.**

Segundo o pensamento de Santo Agostinho e dos Padres gregos, para Boaventura a Igreja é a “sociedade dos que vivem em conformidade com o bem”, porque é “militante”, “vitoriosa” e celeste. Boaventura recebe a ideia de Agostinho e dos Padres gregos, que entendem o nascimento da Igreja simbolizado pela água e pelo sangue que emanam do Coração do Crucificado. Assim, água e sangue simbolizam o nascimento da Igreja e dos sacramentos pelos quais a Igreja está constituída. Os sacramentos são a continuação do mistério da mediação de Cristo, por isso constituem a Igreja em sua estrutura visível-invisível, humano-divina, exterior-interior.

Boaventura entende o poder concedido a Pedro e seus sucessores, aos apóstolos e seus sucessores, como

a manifestação visível da invisível influência da Cabeça sobre o Corpo eclesial. Assim, a hierarquia torna a Cabeça visivelmente presente no Corpo, o Esposo à sua Esposa, e dá sua contribuição à continuação da missão de Cristo. Para Boaventura o termo “hierarquia” deve sempre ter um significado “sacramental”, ou seja, o significado de “sinal visível de uma realidade invisível”, à medida que essa hierarquia torna Cristo realmente presente na Igreja.



#### **FONTE:**

POMPEI, ALFONSO. Eclesiologia Franciscana. Capítulo IV. A eclesiologia de Boaventura, p.219- 224 In: Manual de Teologia Franciscana – José Antônio Merino e Francisco Martínez Fresneda (coord). Tradução Celso Márcio Teixeira. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes/FFB.



## A Vida Eucarística: perdão e Misericórdia

*Quem esconde as suas faltas jamais tem sucesso; quem as confessa e as abandona, alcança o perdão. (Pr 28,13)*

*Portanto, aproximemo-nos do trono da graça com plena confiança, a fim de alcançarmos misericórdia, encontrarmos graça e sermos ajudados no momento oportuno. (Hb 4,16)*

Nossas Celebrações Eucarísticas começam sempre com o Rito Penitencial.

Esse rito inicial não deve ser uma mera formalidade; algo vazio e rotineiro. Precisamos aprofundar o sentido de penitência como uma atitude importante de nossa vida com Deus. É importante, e mesmo imprescindível e fundamental, compreendermos que não se trata de masoquismo, de suprimir erros, mas de *“viver a liberdade em plenitude, um dos sonhos mais humanos”*.<sup>10</sup>

O Rito Penitencial *“envolve a questão do **pecado**, da **culpa** e do **perdão**. São pontos que precisam ser entendidos com muita clareza”*.<sup>11</sup>

**Sobre o pecado**, sabemos que há pessoas que veem pecado em tudo, assim como encontramos quem nunca considere sua existência. Existem tanto aqueles e aquelas que vivem com terríveis complexos de culpa, como há quem só veja culpa nos outros. E o perdão é interpretado, tantas vezes de forma equívoca, como um esquecimento dos erros acontecidos.



**Vamos tentar nos aprofundar a respeito.**

*“Há um conceito generalizado de pecado: uma falta que a sociedade condena. Ora, todas as sociedades são constituídas por princípios que condenam muitas coisas. E nós, como povo que mistura as raízes de um sem número de culturas, colecionamos os pecados de toda essa gente”*.<sup>12</sup>

Portanto, temos que nos tornar capazes de discernir e compreender a origem desses elementos culturais.

Logo de início, precisamos aprender que o pecado está em nós mesmos(as) e não nas coisas ou nas outras pessoas.

Mau e pecaminoso é o coração que rompeu com Deus e que crê poder se realizar e realizar tudo muito bem

<sup>10</sup> PEDROSO, José Carlos . Correa. A Eucaristia começa na família. Centro Franciscano de Espiritualidade. Piracicaba/SP. 2001. P. 15

<sup>11</sup> Idem

<sup>12</sup> Idem

sem Deus. “*Sim, o pecado é alguma coisa que está dentro de nós e nos faz produzir más ações, porque primeiro deixamos que nosso próprio ser interior seja afetado por alguma coisa, que falseou sua integridade e feriu nosso próprio ser*”.<sup>13</sup>

Quando usamos ou tratamos as pessoas de maneira injusta, cometemos um pecado. Entretanto, temos que ter clareza de que cometemos injustiças porque nosso coração já se tornou injusto antes de nossa ação injusta.

Assim, no Rito Penitencial partilhamos publicamente nosso **compromisso de melhorar o mundo, melhorando o nosso próprio coração**. “*Um coração que melhora cada vez mais, quando se torna coerente com o infinito coração de bondade do nosso Deus*”.<sup>14</sup>

**A culpa** é o reconhecimento da nossa responsabilidade pelo pecado. Ela existe quando eu consigo reconhecer que sou eu o(a) responsável por ter lesado o meu próprio coração. Enquanto não conseguimos reconhecer isso, é inútil culpar-se ou querer culpar os outros.

Se eu coloco um vaso na beira da janela e o vento o derruba na cabeça de alguém, ferindo-o, tenho ou não culpa?

Mesmo não tendo sido essa a intenção; “não tendo culpa”, alguém se feriu. Então, é preciso que pensemos também em nossas imprudências, desatenções e até mesmo certas ignorâncias. Somos responsáveis também por isso.

O Rito Penitencial pede que nos preparemos para celebrar a Eucaristia, lembrando nossas culpas e procurando livrar-nos delas.

Lembrar de nossas culpas significa tomar consciência.

Livrar-nos delas não é tentar esquecer ou encontrar um bode expiatório. É assumir nossa responsabilidade e empenharmo-nos em mudar. Do contrário, as pequenas culpas vão se acumulando, sem nos darmos conta do mal que elas estão fazendo em nossa vida.

**Nenhuma situação injusta começa com coisas graves!**<sup>15</sup>

Devemos cuidar do processo e não só dos atos. Temos que nos responsabilizar por deixar crescer dentro de nós esse processo de degeneração, devido ao acúmulo de pequenos deslizes.

**O perdão** aprendemos desde criança, quando somos ensinados(as) a pedir desculpas.

Assim, para a maioria de nós, o importante é declarar: ‘*Foi sem querer*’. Ainda crianças, aprendemos a agir assim, sem compreender realmente o significado.

Vamos introjetando que pedir desculpas é para consertar situações desagradáveis nos relacionamentos e o fazemos para que as pessoas não pensem que somos culpadas(os).

Dessa forma, fica soterrado o sentido de que o mais importante – do pedir desculpas – é nos comprometermos com as pessoas prejudicadas por nós, de que nos esforçaremos para não repetir a mesma falha; que queremos corrigir as possíveis injustiças cometidas.

**O pedido de perdão é inútil se não tivermos decidido mudar de atitude**. “*Pouco ou nada vai adiantar o perdão dos outros se não tivermos nos perdoado, desejando mesmo proceder de outra maneira. Sem mágoa*”.<sup>16</sup>

A “**Eucaristia abre-nos a perspectiva para um outro tipo de perdão. É o perdão de Deus, que a Bíblia chama de misericórdia**”.<sup>17</sup>

O amor de Deus por nós é tão imenso, incomensurável, que Ele não pode nos ver sofrer e vem ficar conosco para nos ajudar. É o que conhecemos como *entranhas de misericórdia* e que Jesus nos contou através da *Parábola do Pai Misericordioso*.

O Rito Penitencial deve, portanto, nos remeter à palavra *paenitentia* com **ae**, cujo sentido é **sentir-se em falta**. Pena que, com o passar do tempo, essa palavra começou a ser pronunciada com **e**, em vez de **ae**, o que levou a certa confusão e a palavra começou a ser escrita como **poenitentia**, mudando completamente seu sentido para: **ter que aguentar um castigo; uma poena/pena**.

Por isso, temos certa dificuldade com a prática da penitência.

No entanto, “*o sofrimento maior incluído na penitência é a dor da saudade de Deus, da falta de Deus, da urgência de voltar para junto dEle, como aconteceu com o filho pródigo*”.<sup>18</sup>

“*A participação na Eucaristia nos liberta. Essa progressiva libertação, que é realizada cada vez que aceitamos as constantes propostas de Deus para o bem repetidas à saciedade; cada vez que nos encontramos com nossos irmãos e irmãs na Eucaristia, é também o que o Evangelho e a Igreja chamam de Penitência*.”

A meta da constante participação na Eucaristia é poder dizer com São Paulo: ‘*Já não sou eu, é o Cristo que vive em mim*’.<sup>19</sup>

Refletamos:

Há algo prendendo o nosso coração?

Com que sentido pedimos desculpas/perdão?

O Rito Penitencial nos mergulha nas “*entranhas de misericórdia*” do Senhor?

**FONTE:**

PEDROSO, José Carlos Correa. A Eucaristia começa na família. Centro Franciscano de Espiritualidade. Piracicaba/SP. 2001.

<sup>13</sup> PEDROSO, José Carlos. Correa. A Eucaristia começa na família. Centro Franciscano de Espiritualidade. Piracicaba/SP. 2001. P. 16

<sup>14</sup> Idem

<sup>15</sup> Idem

<sup>16</sup> PEDROSO, José Carlos. Correa. A Eucaristia começa na família. Centro Franciscano de Espiritualidade. Piracicaba/SP. 2001. P. 17

<sup>17</sup> Idem

<sup>18</sup> PEDROSO, José Carlos. Correa. A Eucaristia começa na família. Centro Franciscano de Espiritualidade. Piracicaba/SP. 2001. P. 18

<sup>19</sup> PEDROSO, José Carlos. Correa. A Eucaristia começa na família. Centro Franciscano de Espiritualidade. Piracicaba/SP. 2001. P. 19

## Um Leigo Franciscano no Casamento e na Família

A sociedade passa por profundas mudanças. São transformações sociais, culturais, religiosas, políticas e ideológicas, e a família, como construtora e integrante desse corpo social, torna-se reflexo dessas modificações. Nesse sentido, viver em família torna esse revés mais dispendioso, mas não no sentido monetário do vocábulo, e sim no sentido de dificuldade, pois ela está sujeita a todas essas mudanças.

A família, há muito concebida sob fortes laços, sempre foi considerada como lugar de amparo, de convívio pleno entre as gerações e de respeito mútuo, vê-se, atualmente, desfazendo-se nas interrupções conjugais, na ausência de afetividade, nos atos de violência doméstica, na desarmonia, no desamor, no individualismo, tudo isso como consequência de toda essa metamorfose social que se apresenta nas últimas décadas.

O desafio, portanto, diante dessa realidade, é edificar o casamento e a família em um alicerce sólido em princípios, dos quais um leigo franciscano deve apropriar-se a fim de promover a manutenção da vida marital e em família, conforme diz a nossa Regra: “Em sua família, vivam o espírito franciscano da paz, da fidelidade e de respeito à vida, esforçando-se por fazer dela um sinal de um mundo já renovado em Cristo” (Regra 17).





Além do artigo da Regra acima, as nossas Constituições Gerais, no artigo 24, 1, asseveram que “os franciscanos seculares considerem a família como o âmbito prioritário para viver o próprio compromisso cristão e a vocação franciscana e nela deem espaço à oração, à Palavra de Deus e à catequese, empenhando-se no respeito à vida, desde a concepção e, em qualquer situação, até à morte”. Ou seja, a família deve ser prioridade para franciscanos e franciscanas seculares, pois ela é a nossa igreja doméstica, e refletir sobre toda a complexa mudança social vivida atualmente não significa, especificamente, aniquilar, enfraquecer ou desarmonizar a família, mas sim ponderar sobre as modificações sociais no seio da família, o que implica dialogar com a nova realidade e buscar equilíbrio.

Já que o futuro da humanidade passa, necessariamente, pela família, é fundamental, como mencionado anteriormente, o diálogo equilibrado nas famílias, logicamente, “sem perder de vista o nosso ponto de partida”, e que essa interlocução aponte para a face divina e para a evangelização, em conversas constantes, sinceras, simples e respeitadas, a fim de “promover a construção de um mundo mais fraterno” (Regra 14).

Como membros da Ordem Franciscana Secular, devemos ter em mente que a OFS não se faz fundamentalmente para a família ou para o casal, mas, sim, ela é uma escola de santidade, e a busca por essa santidade é individual. Por isso, é indeclinável que os franciscanos e as franciscanas seculares meditem acerca das transições por que passa a sociedade e, conseqüentemente, a família e o casamento. Diante de

tantas ofertas mundanas, às quais estamos suscetíveis devido à nossa condição de secular, devemos agir da maneira mais correta possível, na busca pela santidade, e educar os nossos filhos para que trilhem caminhos do bem. Mas que essas ações não sejam cobertas por julgamentos vãos, excludentes e preconceituosos.

Lembrando que, para sermos mensageiros e construtores da paz (Regra 19), não podemos, em nossas famílias, propagar o preconceito, seja ele de gênero, de raça ou de qualquer tipo; devemos nos abster de comentários levianos acerca de famílias que não são formadas e estruturadas a partir da união entre um homem e uma mulher, por meio do casamento, mas sim configuradas de outras maneiras. E isso não quer dizer que o sacramento do matrimônio ou a família estejam sendo banalizados, apenas que as modificações sociais criam novas composições, as quais também merecem respeito, afinal, são formadas pelas criaturas que, conforme Gênesis 1:26, são a imagem e a semelhança de Deus.

Portanto, se devemos nos apresentar ao mundo, “pelo testemunho da própria vida (...), comprometendo-nos com opções concretas e coerentes com sua fé” (Regra 15), sendo anunciadores do amor de Cristo, e evangelizar com nossos atos e nossas palavras, é incompatível com a forma de vida do franciscano e da franciscana secular, na formação, na orientação e na manutenção do casamento e da família, alinhar-se a discursos de ódio, que propagam a intolerância e a discriminação; o preconceito e a segregação; a divisão em vez de união; e a incerteza em vez da esperança.





## Francisco e Maria: *o amor de um pobre à Senhora pobre*

A imagem de Maria não nos retém em si mesma, ela vem carregando Jesus nos braços e, apontando para o menino-Deus, mostra-nos incansavelmente o Cristo Salvador. Em sua relação com o Sumo Bem, Francisco de Assis estabeleceu vínculo fecundo com a beatíssima mãe, imprimindo isso na vida e espiritualidade do carisma franciscano. Numa quaresma em honra à Bem-aventurada Virgem foi que recebeu os estigmas e, depois de dois anos, na igreja dedicada a ela, morreu nu ao chão. Frei Francisco enaltecia Maria com poesia, sobriedade e rigor, reconhecendo nela a cristã, o esplendor da fé, a terra fecunda, a Rainha Santa, agraciada, assunta aos céus com todas as virtudes.



O santo de Assis fazia uso do Magistério eclesial de sua época para intitular Maria de filha reconhecida do Pai, Mãe fecunda de Jesus e acrescentava algo seu quando afirmava ser ela a esposa do Espírito Santo. Compreendida a partir de sua participação na História da Salvação e em sua intimidade com a Trindade Santa, era vista pelo *poverello* a partir da experiência mística mais pura do mistério cristológico. No rol dos redimidos, não a separava de todos nós, mas a via como serva do Senhor, eleita, consagrada, criada para Seu serviço e alguém que serviu de modelo para todos aqueles que desejam segui-Lo, afinal “o Espírito repousará sobre eles e neles fará morada e

*mansão*” (2CFi, 48). Preparada por Deus, nela está “*toda a plenitude da graça*” (SdVM). Logo, recebeu as graças suficientes e possíveis de um ser humano, demonstrando que é reconhecida por ser inferior, unicamente, ao Filho de Deus. O diálogo de amor entre Maria e a Trindade, meditado e fonte de inspiração para suas orações, é o que modela, aos olhos de Francisco, a ideia da Virgem como Rainha do mundo, “Santa Maria dos Anjos” (LM 2,8), virgem feita Igreja, esplendor da fé, uma cristã verdadeira que, desposada pelo Espírito, unida a Cristo, é mediadora entre Deus e os homens.

Maria foi aquela que ouviu, obedeceu e vivenciou a Palavra, sendo, através dela, a dignidade humana elevada em nível de cooperação direta com a obra da salvação. Em sua concepção virginal é compreendida por Francisco como a única que estabeleceu elos com as três pessoas da Santíssima Trindade, sendo “filha e serva do Altíssimo...”, “esposa do Espírito Santo” e “mãe do Salvador” (Of.P.). A maternidade divina, que proporcionou a vinda de Cristo até a baixeza humana, foi devotamente anunciada com cânticos, orações, louvores e elogios freqüentes e é destacada pelo pai seráfico em oposição às críticas dos hereges –

cátaros – que negavam até mesmo a encarnação do Verbo.

O *poverello* assumiu para si o compromisso de defender a Mãe do Senhor pregando aquilo que a ortodoxia da Igreja ensinava. Respondeu ao mundo apático e frio na fé valendo-se daquilo que aprendera dos pais conciliares, dos santos doutores, da teologia e do magistério eclesiais de seu tempo. Lembrou aos infiéis que, ao nascer de uma humilde mulher sem lugar para parir, Jesus adentrou o mundo dos homens vivenciando as agruras da vida junto de Maria e José (1Cel 24). Glorificou a relação entre a Virgem Santa e o Filho de Deus feito carne com belos cultos a Maria, inspirados em importantes teólogos de sua época (São Pedro Damiano, São Bernardo e os cistercienses), por ele enriquecidos com fortes marcas bíblicas, principalmente naquilo que remete à relação entre Mãe e Filho, entre as Pessoas da Santíssima Trindade, e com os Apóstolos.

Era exatamente o amor cultivado pela mãe de Deus que o levava à contemplação graciosa de Maria como a Mediadora nos momentos de oração, jejuns e lágrimas (quaresmas), quando se encontrava em meio à meditação dos mistérios do Deus feito Homem (Lm 3,1; Lm 7,3). Algo notável é a Saudação à Bem-aventurada Virgem Maria, de sua autoria, repleta de conteúdos oriundos da própria devoção eclesial medieval (SdVM 4-6) onde se diz: “*Ave, palácio dele; ave tabernáculo dele; ave casa dele. Ave veste dele: ave serva dele; ave mãe dele*”. O louvor a Maria, entoado como ladainha por São Francisco de Assis, não se sobrepunha ao louvor a Cristo e, nesse sentido, nunca nos permite esquecer a gratuidade do desígnio divino, como se lê na Antífona da Paixão do Senhor, composta pelo assisiense: “*Santa Virgem Maria, não há mulher nascida no mundo semelhante a vós, filha e serva do*

*altíssimo Rei e Pai celestial, Mãe de nosso santíssimo Senhor Jesus Cristo, esposa do Espírito santo*” (Antif.P.). Maria é a “senhora pobre” com quem o próprio Senhor quis compartilhar a pobreza. Algo muito caro a Francisco, que aderiu à senhora pobreza e ao serviço pelos pequeninos como elemento crucial de seu processo de conversão de vida, tendo por finalidade “*seguir o senhor que, sendo rico, se fez pobre por nós*” (2Cel 73). As fontes franciscanas afirmam que o santo chorava quando “*via o filho da pobre Senhora em todos os pobres, pois os levava em seu coração como ela o tinha carregado em seus braços*” (2Cel 83). Relatam que sobre ela ensinava: “*Quando vês um pobre, meu irmão, tens à frente um espelho do Senhor e de sua pobre Mãe*” (2Cel, 85).

Portador de “*um amor indizível à Mãe de Jesus*”, “*Virgem feita Igreja*”, o fundador reconheceu a Virgem como advogada, intercessora, protetora de todos os franciscanos, que, por intermédio dele, a ela foram confiados (LM 9,3). Acerca disso, o hagiógrafo Celano registrou: “*mas o que mais nos alegra é que a constituiu Advogada da Ordem, e à sua proteção e guia confiou até o fim os filhos que ia deixar*” (2Cel, 198). Também entendida como “mãe de toda bondade”, Maria é Senhora de todos os menores, que encontravam e ainda encontram abrigo em sua igreja da Porciúncula após as missões realizadas (1Cel 21; LM 4,5). Do mesmo modo que outrora “*foi em suas entranhas que a Palavra tomou a carne verdadeira da nossa fragilidade*” (2CtFi 4.5), Francisco mostra-nos ainda hoje que o ventre de Maria torna-se presente em sinais sagrados como: no Presépio de Natal em Greccio (1Cel 84-86), em uma das mais belas expressões de amor (2Cel 199) onde se renovava a belíssima experiência entre o homem e o Menino-Deus; na Eucaristia, onde se revela a humildade divina – kénosis

– onde, da mesma forma que Deus fez nascer em Maria o seu Filho Unigênito pobre e despojado, continua fazendo-o na Ceia Eucarística, despojando-O novamente de si mesmo no sacrifício do Altar; e, na figura emblemática dos empobrecidos (material e espiritualmente), que são constantemente associados à pobreza da Virgem e dos apóstolos.

Encontrando Maria e o Cristo pobres em todos aqueles que sofriam com a pobreza, o coração de Francisco se inclinava ao cuidado dos empobrecidos (2Cel 200; LM 7,1) e lastimava-se quando, porventura, deparava-se com alguém mais pobre do que ele mesmo, a Virgem e o seu Menino-Deus. Francisco entendia que o rosto pobre que Deus assumiu neste mundo foi-nos dado através de Maria e “*tinha um amor indizível à Mãe de Jesus, porque fez nosso irmão o Senhor da majestade*” (2Cel 198). Afinal de contas, deixaria de ser pobre uma mulher que colocou no mundo um Deus pobre? O *poverello* incansavelmente repetia: “*quando vires um pobre, é a imagem do Senhor e da sua mãe pobre que tens diante dos olhos*” (2Cel 85; RnB 23,1 e 5). Esta contemplação do Deus-pobre o levaria a despojá-la ainda mais se preciso fosse: “*Se não houver outro meio de atender os indigentes, desnuda o altar da virgem e tira os seus ornatos. Podes crer que é melhor guardar o Evangelho de seu Filho e despojar o altar do que deixar o altar ornado e seu filho desprezado. O Senhor mandará que alguém restitua à sua Mãe o que ela nos tiver emprestado*” (2Cel 67), dizia ele. Por fim, São Francisco lembra-nos que a missão da Igreja é realizar no mundo uma maternidade semelhante à de Maria, afinal de contas, “*somos as mães de Cristo quando o levamos no coração e no corpo, pelo amor e por uma consciência pura e sincera, e o damos à luz pelas santas obras que devem brilhar aos olhos dos outros para seu exemplo*” (2CtFi 53).

\* Frei Everton Leandro Piötto, OFM tem 34 anos e é formado em Filosofia, História, Pedagogia e Teologia. Membro da Custódia Franciscana do Sagrado Coração de Jesus, exerce o ministério de presbítero em Bebedouro, Paróquia Sagrado Coração de Jesus, e junto às obras sociais franciscanas.

MARIA CONCEIÇÃO MESSIAS,  
Frat. Imaculada Conceição Engenho de Dentro- Rio de Janeiro-RJ

**“De resto, nem a circuncisão é alguma coisa,  
nem a incircuncisão, mas a nova criatura”**

(Gl 6,15)



Continuemos nossa reflexão sobre como Deus nos fala na Carta de Paulo aos Gálatas.

Enviar uma mensagem demonstra que alguém precisa dizer algo, mas, não podendo estar diante de seu destinatário, não fica parado na impossibilidade, usando um instrumento para que o objetivo seja alcançado. Hoje poderíamos usar e-mail ou uma rede social. Paulo, diante das limitações físicas, geográficas, entre outras, supera a dificuldade escrevendo cartas.

Na Carta aos Gálatas, Paulo demonstra, sem rodeios, claramente, estar decepcionado com os gálatas, que estavam se afastando do verdadeiro Evangelho (Gl 1,6); preocupa-se, temendo que seu trabalho com eles tenha se perdido (Gonzaga, 2014).

No nosso texto anterior, Mazzarolo (2014) nos dizia que a Carta aos Gálatas é chamada “A Carta Magna da Liberdade Cristã”, porque a verdadeira liberdade vem do poder de Deus, em Jesus Cristo, e, se é para a liberdade que Cristo nos libertou, por que nos tornar escravos novamente? (cf. Gl 5, 1)

### 1. Pensando nas borboletas...

A nossa vida, no dia a dia, com nosso trabalho, preocupações, atividades com a família, amizades, entre outras, não nos permite perceber o quanto tantas outras criaturas da natureza nos oferecem oportunidades para entendermos o amor de Deus por todas as suas criaturas. Um amor tão grande, que não se pode medir, mas sentir, experimentar e agradecer.

Olhar, por exemplo, para os insetos, com seus diferentes grupos e suas diferentes etapas de transformação. Entre esses insetos, olhar para as borboletas e pensar em todo o processo de transformação desde o ovo, depois a lagarta, em seguida o casulo, que é rompido pela borboleta “ansiosa” pelo voo da liberdade.

Poderíamos, assim, também pensar, olhando para as borboletas, no desenvolvimento do anúncio do Evangelho de Jesus Cristo, feito por Paulo aos diferentes

grupos de pessoas. Fossem judeus ou não judeus, com formas diferentes de pensar, acreditar e agir, todos são amados por Deus.

Mesmo entre as borboletas, cada espécie tem um tempo diferente para estar na etapa de ovo, lagarta ou casulo. Muitas são lindas na etapa de lagartas, outras não são tão lindas assim; algumas são “assustadoras” e até “queimam”. Todas estão em processo. Seja ele longo ou curto. Trabalhoso ou leve. O que importa é a *nova criatura*.

### 2. “De resto, nem a circuncisão é alguma coisa, nem a incircuncisão, mas a nova criatura” (Gl 6,15)

Gonzaga (2014) explica que entre os gálatas estava a questão sobre a verdade do Evangelho: “a salvação provém do esforço humano (observância da Lei de Moisés) ou é dom de Deus (fé em Jesus Cristo)?

Muitos judeus se converteram ao cristianismo, assumindo a vida nova em Cristo e, mesmo assim, a maioria continuava seguindo as leis e prescrições judaicas, sem problemas e Paulo não era contra isso. O problema surgiu quando um grande número de não judeus, os chamados pagãos ou gentios, se converteram. Paulo não aceitou que um grupo de Jerusalém quisesse obrigar os não judeus a assumirem as obrigações do judaísmo, entre elas a circuncisão. Seria como viver o cristianismo como uma seita judaica, fechado para toda a humanidade. Paulo anunciava a novidade da Salvação em Cristo, sem a obrigatoriedade ou condição do conhecimento ou que se tivesse que seguir a Lei de Moisés. Por isso não podia aceitar a circuncisão como condição para que alguém se tornasse cristão. Seria como perder a liberdade para assumir a fé em Cristo. Ele não tinha dúvidas de que havia anunciado aos gálatas o verdadeiro Evangelho de Jesus Cristo, do qual ninguém poderia acrescentar ou tirar nada. O próprio Jesus agia com liberdade diante da Lei de Moisés, colocando o amor como a principal força (Jo 13, 33-45).

Mesters (2014) chama a atenção para o fato de que para Paulo, um pagão convertido ao cristianismo, deveria poder viver a fé em Cristo a seu modo, diferente do modo como os judeus viviam, mas com o mesmo amor, fidelidade e doação, tendo coragem de dizer aos gálatas simples e sem cultura de que deviam “deixar-se guiar pelo Espírito Santo” (Gl 5,16). Porém, nem todos os judeus convertidos

tinham essa visão. Paulo viveu seu compromisso com Cristo vivendo seu compromisso com os outros. “Daqui por diante ninguém me molesta mais, pois trago no corpo as marcas de Jesus” (Gl 6,17).

Os conflitos sempre existiram e, portanto, existiram e existem na história da Igreja. Entretanto, como nos diz Gonzaga (2014), após esses períodos também surgem fortes impulsos que animaram e animam a vida da Igreja, precisando esses conflitos serem superados com a caridade cristã, fazendo brotar uma situação de compreensão e integração, a partir da “verdade do Evangelho” (Gl 2, 5.14).

Falando sobre a “*nova criatura*”, muitos autores afirmam que com Jesus Cristo a religião tem um novo significado, que é a relação entre fé e amor e, desta forma, a “*nova criatura*” de Deus vive na Igreja anunciando a morte de um mundo e o surgimento de um novo mundo. Mas deixemos esse assunto para a nossa próxima oportunidade

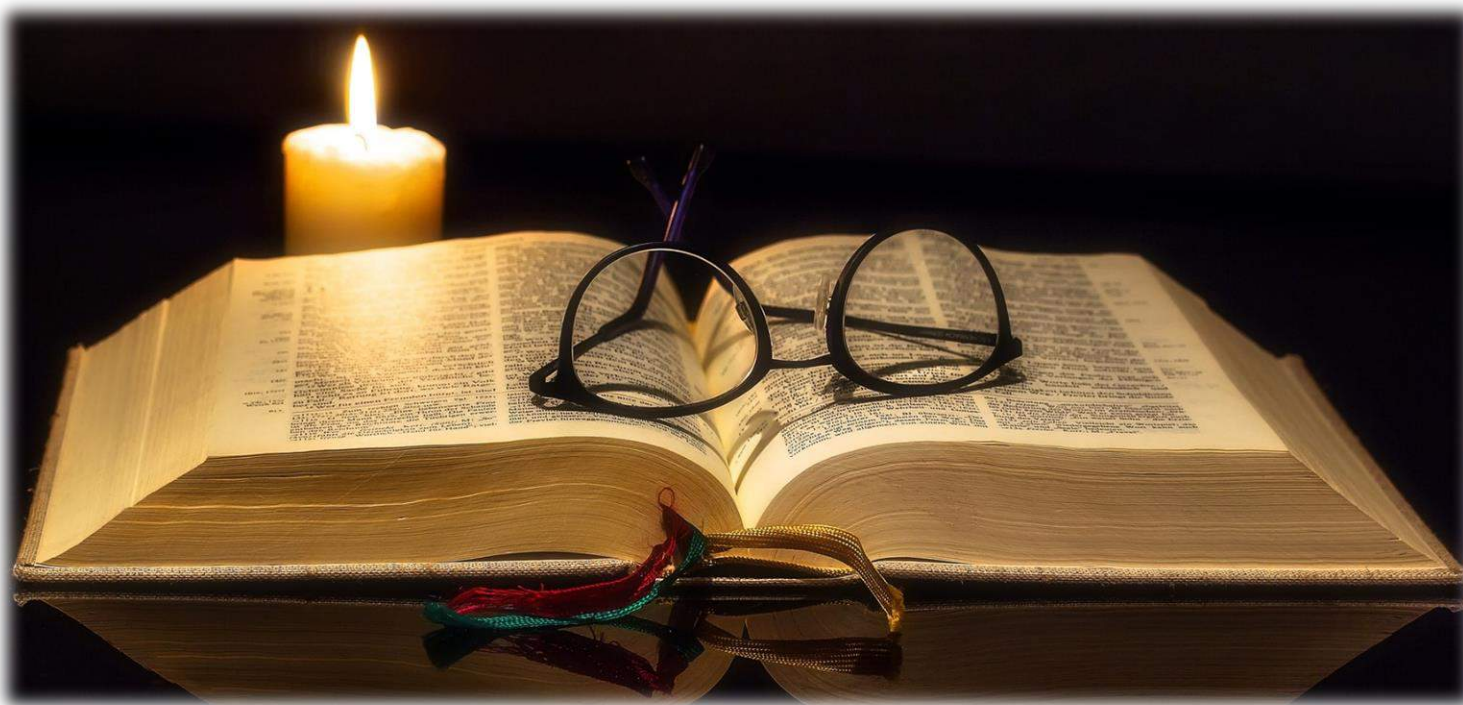
### 3. Para pensar:

Como é a nossa vida como cristãos? Nossas atitudes, modos de pensar e de viver, demonstram que temos realmente um compromisso com o Evangelho de Cristo?

Temos assumido o Evangelho de Cristo como força transformadora em nossa vida ou temos permitido que a rotina e as obrigações nos escravizem?

#### FONTES CITADAS:

- 1 - GONZAGA, W. A verdade do Evangelho (Gl 2, 5-14) e a autoridade na Igreja. Academia Cristã, São Paulo, 2014.
- 2 - MAZZAROLO, I. Carta de Paulo aos Gálatas: da libertação da Lei à filiação em Jesus Cristo. Mazzarolo Editor, Porto Alegre, 2013
- 3 - MESTER, C. Deus, onde estás? Uma introdução prática à Bíblia. 17. ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.



## O SEU CORPO TINHA O ASPECTO DE QUEM DORMIA

*A passagem de Frei Antônio de Lisboa e de Pádua*



**E**ra no dia 13 de junho de 1231. E quando o sino tocou para o refeitório, desceu o Santo de seu abrigo (no alto de uma árvore) e com os demais frades sentou-se à mesa.

E eis que, de repente, carregou sobre ele a mão de Deus e, de súbito, lhe faleceram as forças.

Deitaram-no os irmãos sobre as palhas que lhe serviam de leito. Quando ele voltou a si, chamou o companheiro Frei Rogério para lhe pedir, caso lhe parecesse, que o levassem ao eremitério de Santa Maria de Pádua, pois não desejava ficar e ser peso para os irmãos.

Os frades de modo algum queriam consentir na partida; mas, porque o Santo persistia firme no seu propósito e Frei Rogério com ele concordava, resignaram-se. E, estendido num carro, se pôs o santo a caminho de Pádua.

Já perto da cidade saiu-lhe ao encontro Frei Inoto, frade amigo que ia visitá-lo. Ao vê-lo assim tão mal, teimou com ele que se recolhesse a Arcela, ao oratório onde moravam os frades que assistiam ali às Donas ou Senhoras Pobres no seu mosteiro. Era um lugar mais sossegado e sem barulhos; e, fora de mão como estava, não haviam de apoquentar tanto as visitas dos muitos amigos de Pádua.

O Santo achou boas as razões de Frei Inoto e deixou-se conduzir até Arcela.

Apenas após chegar ali, mais se lhe agravou a doença com ânsias e agonias. Num momento de mais calma confessou-se, e no fim começou a entoar o hino da Virgem "O gloriosa Domina excelsa". Depois, cansado e

exausto, ergueu os olhos e, fixos e contentes, ficaram eles presos lá no Alto. O frade, que nos braços o sustinha, perguntou-lhe o que via e o Santo respondeu:

- Eu vejo o meu Senhor!

E estava moribundo.

Apressaram-lhe os frades para lhe dar a extrema unção; e quando o sacerdote ia começar a ungi-lo, Santo Antônio o encarou e disse;

- Não seria preciso que me fizesses isso, pois tenho esta Unção dentro de mim. Mas sempre é um bem, pelo que muito me apraz recebê-la.

Estendeu as mãos e ungiram-lhe as palmas, com os frades cantou os salmos penitenciais, e, dali a meia hora, sua alma arrancava para a mansão eterna. O seu corpo tinha o aspecto de quem dormia, alvas as mãos como nunca haviam sido e todos os membros sobremaneira flexíveis.

Santo Antônio de Lisboa: Doutor Evangélico  
Frei Fernando Félix Lopes, OFM.  
Braga, 1954, p. 227-228

# Curiosidades

Paulinas de Portugal

## Quando inventaram o telefone

“Mas isto fala”?! Exclamação atribuída a dom Pedro II ao experimentar o aparelho apresentado pelo físico e professor de surdos-mudos Alexandre Graham Bell (1847-1922), um dos inventores do telefone, em 1876. Nosso último monarca, e também o derradeiro da América, costumava dar uma curiosa atenção às novas tecnologias, ciências e letras no meio século em que governou e reinou no então Império do Brasil. Ficou com o telefone quase só para ele, de tão interessante que o considerou.

Fonte:

*A vida íntima das palavras*

Deonísio da Silva, Ed. Girafa, p. 143.

## Ai-Jesus

Ser o ai-Jesus de alguém é o mesmo que ser o “mimalho”, a pessoa adulada e cercada de atenções muito especiais. Falando de Maria Altina, na narrativa intitulada No Manancial, dos Contos Gauchescos, escreve Simões Lopes Neto: “O Mariano e as duas velhas traziam nas palminhas das mãos a pequena. Ela era o ai Jesus de todos, até dos negros”.

## De cama e mesa

Diz-se de pessoas que vivem na maior intimidade em comum, sem se separarem, ligadas por vínculo diurno e noturno, aplica-se a políticos que depois de divergências acertaram seus relógios e se tornaram muito solidários: “Antes brigados, Lacerda e Falcão agora estão de cama e mesa”. Nelson Palma Travassos, em Quando eu era menino, registra: “Um ditado caboclo afirma que duas pessoas só se conhecem bem depois de terem comido juntas um saco de feijão”. É também a intimidade da mesa.

## Lavar as mãos – (ou fazer como Pilatos)

É eximir-se da responsabilidade de um ato iníquo que não se tem força para deter ou evitar, mas ao qual não se quer dar solidariedade. Pôncio Pilatos, procurador da Judeia durante o

reinado de Tibério, na primeira metade da primeira centúria da era cristã, foi o magistrado perante o qual Jesus foi processado e condenado. Tendo que conformar-se com a vontade dos juizes, sancionando a condenação, pediu que lhe dessem água para lavar as mãos e em seguida exclamou: “Sou inocente do sangue desse justo pelo qual respondereis”. Tratava-se de uma cerimônia simbólica, essa, de lavar as mãos diante do povo para demonstrar a discordância do julgamento.

## Deitar pérolas aos porcos

Dizer que não se devem deitar pérolas aos porcos é dizer que não se devem oferecer coisas finas e requintadas a pessoas rústicas e ignorantes, incapazes de bem apreciá-las. A expressão é de origem bíblica. Encontra-se em Mateus: “Não deis aos cães o que é sagrado, nem atireis as vossas pérolas aos porcos, para que não as pisem e, voltando-se para vós, vos esfaquelem” (Mt 7, 6).

Fonte:

*Dicionário de Provérbios e Curiosidades*

R. Magalhães Júnior

Ed. Cultrix, São Paulo.

## Frases não tão brandas

- Amigo é o sujeito com quem você conversa sem olhar o relógio. (Ulysses Guimarães)
- Amor são duas solidões protegendo-se uma à outra. (Rainer Maria Rilke)
- Nada pode ser mais indicativo de falsidade do que a aprovação da multidão. (David Hume)
- Dorme-se melhor quando não se sabe como se fazem linguíças e política. (Otto Von Bismarck)



## Um pensamento luminoso

No amor eu abro dentro de mim um espaço seguro para a pessoa amada, um espaço em que ela pode ser de si mesma de forma completa e livre. Ela não precisa fingir ser outra pessoa na minha presença, não precisa me enganar nem conquistar meu amor com seu empenho. (Tomás Halik)

## A FORMAÇÃO E OS IRMÃOS DO SEI

*Irmãos, Irmãs,  
Paz e Bem!*

**C**onsideremos a nossa formação inicial, todos juntos em nossas Fraternidades, na alegria de conhecer a espiritualidade franciscana:

Foram momentos felizes em que nossos(as) formadores(as) nos fizeram penetrar e percorrer as veredas da vocação que nos foi dada por Deus e beber das fontes da sabedoria, beleza, ternura e cortesia que dela fazem parte.

Todos nós, ontem ativos, participando das atividades e formação permanente, que explica, esclarece e consolida o que o Senhor gravou em nossa alma - hoje muitos no SEI. Com certeza, saboreamos com amor e alegria a recordação da formação que nos identifica.

Os irmãos e irmãs que agora fazem parte do SEI, certamente lembram-se das primeiras formações: Bíblia e Regra nas mãos, coração saltitante, ansioso, olhos fixos no(a) formador(a), ouvidos ávidos do conhecimento do carisma e da espiritualidade que estavam sendo ministrados.

Os(as) formadores(as), ah! Como se entusiasmavam manifestando sua paixão pela OFS, movida pela oração, humildade e obediência! Alguns desses(as) formadores(as) estão hoje no SEI, outros já se apressaram a encontrar definitivamente o Senhor da Vida e a Senhora dos Anjos.

Poderíamos pensar: eles e elas nos formaram com seu empenho, sua alegria, seus ensinamentos, sua experiência, suas atitudes, sua disponibilidade, simplicidade e incrível, incrível obediência fraterna. Então, como realizar formação permanente com esses(as) irmãos(ãs) que deixaram para nós uma herança de bondade, fraternidade e profundo senso de pertença?

Ora, refletamos: em nosso Batismo, recebemos o Espírito Santo, que nos concede o discernimento, abre nossa inteligência e nosso coração para receber com clareza a Palavra que vai sendo proclamada durante nossa vida, dá-nos o instinto da fé, constrói em nós a esperança certa e nos conduz à caridade perfeita. Se deixarmos que Ele nos conduza, com certeza vamos saber a maneira mais amorosa e correta de realizar a formação permanente que nossos(as) irmãos(ãs) do SEI têm direito, por continuarem a pertencer às nossas Fraternidades Locais.

Sabemos também que, só alcançamos algo que desejamos, quando nos lançamos para frente, sem desvios, sem medo dos riscos ou cansaço.

Então o que desejamos?

Ter presente no meio de nós o carisma franciscano encarnado numa troca de aprendizagem constante, que diz respeito à caridade misericordiosa com enfermos e idosos.

O irmão José Carlos de Andrade, OFS, ao apresentar o livro de Formação para a Vida Franciscana Secular, edição 2005, diz: "A formação é a alma da Fraternidade... E a Fraternidade tem o dever de dedicar especial atenção à formação inicial e permanente, para que cada um(a) possa amadurecer sua própria vocação e enraizar o seu sentido de pertença...".

Então está claro que a formação permanente faz parte do itinerário formativo de uma Fraternidade.

E temos uma característica singular de nossa vocação franciscana secular, que ajuda a formação permanente: a devoção, a espiritualidade mariana que nos abre o caminho da ternura materna na vivência fraterna. Depois da formação inicial, ao Professar definitivamente a Regra da Ordem Franciscana Secular, o(a) irmão(ã) tem já a consciência de que é para sempre. Foi escolhido(a) pelo Pai celeste para configurar-se ao Filho, à maneira de São Francisco de Assis.

É PARA SEMPRE! É PERMANENTE! E a formação que os(as) leva a crescer, amadurecer, viver coerentemente, é também permanente e vai dando forma ao "ser franciscano" que já existe dentro de cada um(a).

Podemos, então, dizer que a formação do(a) irmão(ã) professo(a) não se esgota com a Profissão; prossegue até o fim de sua vida, pois não se pode pensar que, por já ter professado, já pode estar seguro(a) de caminhar sem dificuldades, vencendo sozinho(a) os desafios da vida, com o mesmo entusiasmo do início, pronto(a) para enfrentar qualquer mudança, que hoje acontece com terrível rapidez, sem esmorecimento espiritual, sem dúvidas, sem nenhum receio.

Neste nosso mundo em contínuas mudanças, permeado pela indiferença aos valores cristãos, onde a cada dia pesam mais os interesses pessoais, a formação permanente direciona à uma vida mais fraterna; olhos voltados para o Cristo para dele aprender sua oração, sua intimidade com o Pai, seu amor por nós, seu estilo de vida, seus sentimentos, como fizeram São Francisco de Assis e Santa Clara.

Retornemos nosso olhar aos nossos irmãos e irmãs do SEI. São professores. Como foi dito no início, alguns foram



formadores dos que chegavam à Fraternidade. Ao se retirarem da vida ativa, foram se afastando da formação permanente sistemática. É claro que a visita dos irmãos e irmãs da Fraternidade, as orações feitas em comum, o contato com a família, a conversa simples e informal, as notícias da Fraternidade levadas até eles(as), fazem parte de uma formação permanente recíproca. O cuidado em levar-lhes o Viático, de vez em quando um confessor, faz parte da formação permanente. Porém, é preciso voltar a fazer memória, atualizar o que moldou sua espiritualidade, sua identidade de filhos de Francisco de Assis. Renovar com eles(as) o estudo da Regra, a leitura breve de um trecho das Fontes Franciscanas e da Bíblia, que pode ser mesmo indicado por eles(as) porque lhes toca o coração. E daí ir encontrando outros textos de enriquecimento. Quem sabe, pode-se realizar com nossos irmãos e irmãs do SEI uma formação permanente sistemática, com nuances de recordação e alegre reaprendizado?

O amor é criativo.

Vejam como em meio a uma pandemia, que já vem durando tanto tempo, os irmãos e irmãs da OFS, da TOR, da 1ª e 2ª Ordens continuam a se encontrar, planejar, conversar, fazer reuniões, estudos, trocar informações, realizar tarefas, utilizando recursos da internet, mídias e aplicativos.

É claro que, enquanto houver impedimento para visitas presenciais, não deixarão de ter as visitas virtuais, com chamadas de vídeo quando esse recurso for possível; envio de cartas, áudios, telefonemas. O coração fraterno deseja encontro; deseja contato pessoal. Por enquanto é necessário substituí-lo pela imagem ou pela voz do irmão(ã), que podemos visualizar ou escutar, e nos dá alegria em escutá-los(as), ver seus rostos ternos, vincados muitas vezes pela dor, mas que a luz interior torna belos.

Temos que ver o que os(as) encantou e ainda hoje encanta; o que deu sentido à sua vida e continua a dar.

Cada um de nós, ativos na vida fraterna, cada irmão e irmã do SEI, vimos em São Francisco de Assis uma chance de ser autênticos, de viver uma forma de vida que é ação de graças. Nos encantamos com Francisco de Assis porque ele, encantando-se com Deus, tornou-se simples, terno, acolhedor, humilde, cortês, livre, alegre, cheio de concretude, cativante por sua entranhada gratidão. E somos convocados a render com ele e com nossos irmãos e irmãs, louvor e ação de graças ao nosso Criador.

Em Mt 5,13 encontramos Jesus, que nos diz: “Vós sois o sal da terra. Mas se o sal perder o gosto salgado, com o que se há de salgar?...”. Frei Hugo D. Baggio, OFM, diz que “salgar é exercer boa influência. Perder a capacidade de influenciar, de modificar, de conduzir a história para Deus, é perder a força, é cair na inutilidade. E Deus colocou em nossas mãos a possibilidade de recriar...”.

Com olhar atento, descobrimos que nossos irmãos e irmãs do SEI continuam sendo sal, pois mesmo não podendo realizar conosco a convivência fraterna em nossas Fraternidades, nos influenciam beneficentemente com sua oração, palavras e atitudes de amor e aceitação, nos incentivando e ajudando a conduzir a história da OFS para Deus.

Assim, como continuam a nos formar com sua doçura e exemplo, precisam experimentar a volta à beleza dos tempos de formação permanente, mergulhar na nossa Regra e deixar-se penetrar de novo e de novo pela Palavra Sagrada.

Vamos pensar juntos a maneira de realizar essa linda e necessária formação? Recordar é viver. Mas não basta recordar, é preciso fazer memória, atualizar. E é isso que a Equipe Nacional de Formação, através da Coordenação do SEI, deseja provocar em nossas Fraternidades Locais.

De que maneira poderemos continuar a formação permanente com os nossos irmãos e irmãs do SEI?



JEFFERSON EDUARDO DOS SANTOS MACHADO, OFS

## Sermões Antonianos

### *O Legado do Santo*

Muitos irmãos e irmãs que são admiradores da vida de Santo Antônio (de Lisboa e de Pádua) não têm contato com um de seus mais importantes legados, sua obra *Sermões Dominicais e Festivos*. Sabemos que as vidas dos santos muito nos ensinam sobre seus exemplos e sobre o modo como pensavam a vida. Porém, ter contato com seus escritos é uma forma particular para entendermos como eram suas crenças e como buscavam aproximar-se de Deus.

Os *Sermões Dominicais* foram elaborados entre 1227 e 1230, e os *Sermões Festivos*, compostos entre o outono e o inverno europeu de 1230-1231. A primeira parte possui 53 sermões, mais 4 de festas marianas, compostos em Pádua entre 1227 e 1230, no triênio em que Frei Antônio era ministro provincial do Norte da Itália. Em seguida, já em 1230, o Santo iniciou a escrita dos sermões festivos, redigidos até ficar impossível seu trabalho, devido à doença que o levou à morte em 1231.

Mas, poderíamos perguntar, o que levou o frade a escrever tal obra? Segundo suas próprias informações, o primeiro trecho da obra foi escrito a partir de um pedido dos frades e com o intuito de dar-lhes uma ferramenta para organização e escrita de seus próprios sermões. A segunda parte, porém, foi escrita a pedido do Cardeal Rinaldo de Jenne, então bispo de Óstia, que posteriormente seria o Papa Alessandro IV.

O frade menor português utilizou a liturgia da Igreja Romana como ponto de partida da construção de sua obra. Porém, não iniciou na data que principiava o calendário litúrgico da Igreja, que tem como marco inicial o primeiro domingo do advento, festa que varia entre os dias 22 e 24 de novembro, conforme a data que cai no domingo da páscoa. Optou por escrever sua obra correlacionando-a com as leituras do Antigo Testamento, que eram feitas de acordo com a recitação do Ofício Divino, a oração oficial da Igreja Romana. Dessa forma, o primeiro sermão referia-se ao antigo domingo da Septuagésima, época do ano na qual as leituras eram tiradas do primeiro livro da Bíblia, o Gênesis.

A obra de Santo Antônio não foi feita para ser lida aos fiéis nas missas ou outras cerimônias. Trata-se de textos de estudo, de onde os religiosos e padres, encarregados do ofício da pregação, retirariam ideias ou temáticas para suas pregações e de resumos de pregações feitas nas missões de pregação empreendidas pelo frade.



Nela, o frade menor trata de situações vividas, ou seja, a partir das suas experiências entre as comunidades e populações onde realizou suas pregações, observou que a heresia era fruto dos desleixos morais e espirituais do clero secular ou das ordens mais antigas, como os agostinianos e beneditinos. Então, concebeu sua obra a partir de uma grande e acentuada preocupação didático-catequética. Com isso, propôs aos eclesiásticos e aos leigos, a cada um e a todos os cristãos, um programa de mudança de comportamento.

O texto antoniano tem como principal característica a busca do sentido espiritual dos textos bíblicos, ou seja, o autor queria que através dele os leitores e ouvintes pudessem ouvir a voz de Jesus falando para sua alma. Era uma interpretação moral das escrituras, que objetivava separar o mundo espiritual do material.

O sermão, nos tempos de Antônio, era um gênero literário bastante usado. Inclui-se nesse gênero o *castigatio clericorum*, as severas proibições dirigidas ao clero, e que são muito frequentes na obra de Antônio. No sermão escrito, a *castigatio* tinha como fim pastoral tanto a formação do clero, para que os candidatos a eclesiásticos escapassem dos vícios, como a correção dos clérigos em idade madura, já que os *Sermões*, por serem material de estudo, provavelmente circularam pelas mãos de qualquer categoria de clérigos, desde os de funções mais humildes até os de maior responsabilidade, ou seja, os prelados.

Quanto aos aspectos literários dos *Sermões*, destacam-se as exposições doutrinárias, os comentários escriturais, as anedotas, as orações conclusivas, o discurso direto com o leitor, as fórmulas introdutórias e o uso da Paz e bem!

língua latina. O próprio frade demonstra ser um grande conhecedor dos elementos literários de uma pregação, quando desaprova a conduta dos *melindrosos*, que, mesmo lendo muito, jamais chegam à verdadeira ciência, pois estavam mais preocupados em demonstrar sua erudição, através da citação de vários autores, do que se deterem de forma mais sistemática nos ensinamentos bíblicos, que eram considerados, então, como o caminho maior na busca da verdadeira sabedoria. Antônio diz que “retira de um livro o que lhe faz falta e coloca-o na colméia [sic] de tua memória”.

Além da Bíblia, que era a mais importante citação, outros textos foram utilizados para fundamentar suas reflexões, tais como as obras dos Padres da Igreja, etimologias, bestiários e várias obras de autores clássicos, como Aristóteles.

No Medievo, os textos bíblicos eram explicados a partir de quatro sentidos ou pontos de vista: literal, alegórico, moral ou tropológico, que era o mais utilizado no período, e anagógico. O sentido literal trata do fato histórico como tal. O sentido alegórico aborda o que se deve esperar: os fatos do Antigo Testamento, nesse caso, são figuras e imagens do que se verifica no Novo Testamento. O sentido moral ou tropológico versa sobre o que se deve fazer: o que ocorreu com Jesus é válido também para os fiéis. O sentido anagógico significa o que se deve esperar: nesse caso, olhando para a prática de Jesus como uma antecipação do que acontecerá na vida eterna. Logicamente, as características de cada sermão dependiam do conceito que cada pregador tinha em seu tempo das Sagradas Escrituras e de seu papel para a vida do cristão. Temos que observar que o modo como foram

apreendidas as ideias contidas nos sermões dependia da interpretação dos fiéis.

Os Sermões Dominicais e Festivos são a prova de que, mesmo sem ter conseguido um diploma de mestre ou de ter comprovações de sua formação em algum centro universitário, Antônio foi aceito como mestre por sua capacidade intelectual. Ele conhecia e foi fiel às técnicas da escrita do sermão medieval, conhecida como pregação doutra; sua escrita transparece conhecimento de um mestre da Escolástica e ele é um daqueles que contribuiu para o crescimento desta ciência, sendo um dos preparadores do período ensinando o método que tornar-se-ia dominante na teologia medieval.

Antônio, ao contrário das características iniciais dos franciscanos, utilizou todos os itens e orientações que eram prescritas nos manuais para pregadores do período em que viveu. Sua obra foi influenciada pela vida acadêmica do período utilizando as características que fizessem seu trabalho ser qualificado como douto.

Os *Sermões* são um texto de grande espiritualidade. Nele o Santo aborda questões fundamentais para a vivência da fé em sua época. Muito têm a nos ensinar para o hoje. Porém, os leitores devem tomar cuidado, pois trata-se de um homem que viveu no século XIII. Ao lermos, podemos nos assustar com alguns posicionamentos em relação aos judeus, homossexuais, mulheres e outros temas que hoje são abordados de forma completamente diferente. Não devemos levar para o seu tempo o julgamento de hoje e nem trazer para hoje alguns pensamentos que já não fazem parte da nossa dinâmica.

#### FONTES:

- CAEIRO, F. da Gama. **Santo Antônio de Lisboa. Introdução a Obra Antoniana.** Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1995.
- PACHECO, Maria Cândida M. (Org) **CONGRESSO INTERNACIONAL PENSAMENTO E TESTEMUNHO.** Braga, 1996. *Atas...* Braga: UCP/FFP, 1996.
- CANTINI, P. Gustavo. *Miscellanea. La Técnica e l'ndole del Sermoni Medievale e di Sermoni di S. Antonio de Padova.* Firenze: Valecchi, 1934, p. 62.
- REMA, Henrique Pinto. Introdução. In: \_\_\_\_\_. **Santo Antônio: Obras Completas.** Porto: Lello & Irmão, 1987.
- SOUZA, José Antônio de Camargo R. **O Pensamento Social de Santo Antônio.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 84.
- ZAVALLONI, Roberto. **Pedagogia Franciscana: Desenvolvimentos e Perspectivas.** Petrópolis: Vozes, 1999.
- DOIMI, Samuel. *Le Scienze Naturali in Sant'Antonio.* In: **S. ANTÔNIO DOTTORE DE LA CHIESA.** 1947, Roma e Pádua. *Atas...* Cidade do Vaticano: Tipografia Poliglota Vaticana, 1947. p. 448-468.

## UMA VIDA DE FÉ SÓLIDA

*Etapas e caminhos*



- Somos cristãos. Vivemos a fé. O que é realmente a fé? Iluminamos nossa vida com uma claridade que vem do Mistério de Deus que se manifestou de maneira definitiva e claramente em Jesus, de modo particular em sua vida, paixão, morte e ressurreição. Mistério Pascal. Estamos imersos nesse esplendoroso universo em que com Cristo somos seres novos, criaturas novas. Renascemos. Vivendo na carne e nossa vida está escondida nele. Na graça da conversão e com os Sinais do Mundo Novo expressos nos sacramentos. Caminhamos por entre as coisas que passam como seres novos.
- Quanto dinamismo nesse falar de Paulo: “A justiça consiste em conhecer a Cristo, experimentar a força de sua ressurreição, ficar em comunhão com os seus sofrimentos tornando-me semelhante a ele em sua morte para ver se alcanço a ressurreição entre os mortos. Não que eu já tenha recebido tudo isso, ou que já seja perfeito. Mas corro para alcançá-lo, visto que fui alcançado por Cristo Jesus” (Fil 3,10-12).
- Sempre de novo somos levados a examinar nosso viver esclarecido pela luz da fé e da fé cristã. Fomos batizados, participamos da vida da Igreja, somos franciscanos. Há sempre o perigo de nos habituarmos a tudo, inclusive no campo de nosso relacionamento com Cristo. Se não tivéssemos sido batizados em criança, quais seriam as etapas da fé que precisaríamos percorrer? Em nossa condição de cristãos que não vivenciamos a fé em seus estágios, que desde criança já atingimos a última da fé, a etapa eucarística, o píncaro da vida cristã será altamente proveitoso aplicar a si o que agora se segue.
- **Momento de inquietação** - O homem (não cristão ou já batizado) vivendo a vida de todos os dias experimenta um cansaço, um estar sendo empurrado de um lado para o outro ao sabor dos ventos. Vida, trabalho, casamento, pessoas, dinheiro, volteios e viagens, choques e entretchoques, afetos e ódios, pandemia ou bancarrota. Não é possível continuar assim. Há uma inquietação sadia. Esta é a etapa de exame e de balanço da justificativa do agir humano. Busca-se uma claridade. Por vezes nesse período há questões da vida: Por que nasci e não tive o olhar de um pai? Por que essa sede de plenitude? O que eu sou para os outros? O que fazer para que meu filho cresça como gente de verdade? Nessa fase, o humano, o densamente humano, precisa aflorar para que o Evangelho possa deitar raízes. Quando as pessoas estão sem inquietude, necessário se faz provocar. Para isso existem os incômodos profetas. Costuma-se dizer que ela é a *etapa pré-evangélica*.
- **Encontro com o Evangelho** – À pessoa com suas interrogações se apresenta a figura de Cristo: uma página

das bem-aventuranças, pessoas que impressionam por seu despojamento e senso de gratuidade, uma conversa carinhosa com alguém que nos ama, a chegada do primeiro filho, ter visto inimigos se reconciliando num abraço. Todos esses fatos podem ser “salpicados” com palavras, gestos, comportamentos, propostas, insinuações de Jesus, vivo e ressuscitado, esperando que a porta de nossa interioridade tenha a tranca arrancada. Ecoa dentro da pessoa um convite: “Vem e segue-me”. Não é possível resistir. Normalmente, antes do sacramento do batismo, a pessoa deveria ir se enamorando de Cristo. Sem paixão tudo é monótono e fenece. A maioria de nós não viveu esse estar curiosa e amorosamente com o Senhor Jesus antes de nosso batismo. Os que entram nas fraternidades franciscanas precisam com toda urgência enamorar-se de Cristo e do Evangelho. **Esta é a etapa dita evangélica.** Não convém que a pessoa que não tenha atravessado esse tempo de enamoramento faça a profissão terciária.

- Na Igreja primitiva, aqui se situava **o tempo dos catecúmenos**, tempo de preparação para o batismo. Depois de uma convivência com a Palavra que é o próprio Cristo, na comunidade a pessoa é batizada, recebe **o sacramento da vida nova**. Água, Mar Vermelho, Jordão, poço de Jacó, Espírito como água, água do peito aberto desse Jesus que, na etapa precedente nos chamou e nos encantou. Batismo. O homem começa a mudar, joga-se arrependido de suas incoerências nos braços do Senhor. Batismo: mergulho sacramental na paixão, morte e ressurreição do Senhor. “Já não sou eu, é Cristo que vive em mim”.

- “Olhai agora, ó Pai, vossa santa Igreja. Fazei brotar para ela a água do batismo. Que o Espírito Santo dê por esta água a graça de Cristo, a fim de que homem e mulher, criados à vossa imagem, sejam lavados da antiga culpa e renasçam, pela água e pelo Espírito, para uma vida nova. Amém.”  
(*Ritual de bênção da água*)

- É de se supor que, nesta etapa batismal, a Igreja exija de seus membros um engajamento mais vigoroso e decisivo: um senso de pertença, uma decisão de colaborar para a morte do homem velho, um engajamento pastoral mais exigente. Na primitiva Igreja os batizados eram realizados na Vigília Pascal. O banho na piscina, o óleo na fronte e a veste branca. Esplendor de vida nova. A profissão na Ordem Franciscana (frades ou leigos) reforça significativamente esta etapa. A sua realização deveria ser precedida de um sério retiro sobre o sentido do batismo.

- Antes do Reino definitivo, ou seja, quando juntos todos no esplendor da glória há a **etapa eucarística**. “Até que ele venha!” Ação de graças, ápice da vida cristã. Pessoas que foram amadurecendo. Contemplação do lava-pés. Os cristãos se recolhem. Olham aquele que deu a vida. Corpo dado, sangue derramado. “Fazei em memória de mim”. Trazemos a vida, levamos ao altar. Trabalhos, alegrias, sucessos. Juntamos tudo ao pão e ao vinho. Uma vida dada com Cristo. Momento de oferenda e de alimentação. Páscoa do Senhor. Nossa Páscoa. O acontecimento da Páscoa do Senhor é lembrado, comemorado pelos ritos para que, pelo poder do Espírito Santo, a Igreja leve adiante o seu destino, até que ele venha.



MARIA JOSÉ COELHO, OFS  
Ministra Nacional da OFS do Brasil

## COMO EU VEJO A OFS NO BRASIL

### *Alegrias e preocupações*

Foi um sopro do Espírito Santo para nós, franciscanas e franciscanos, a renovação da nossa Regra em 1978, que nos apresentou um outro jeito de seguirmos São Francisco, mais conscientes de viver o Evangelho no estado secular, muito diferente da antiga e devocional OFS.

Em março de 2020, logo após o Capítulo Avaliativo em Campo Grande, planejando e organizando os trabalhos para o ano, incluindo a preparação para a celebração dos 800 anos da *Memoriale Propositi* e os 50 anos da Jufra do Brasil, fomos surpreendidos pela declaração da OMS (Organização Mundial da Saúde) do estado de pandemia e pela incrível rapidez com que o Covid-19 se espalhava pelo mundo e chegava ao nosso país.



Como filhos de São Francisco, a esperança é para nós como a respiração e acreditamos que a pandemia não duraria por muito tempo. Suspendemos as visitas e capítulos por 45 dias, para, logo em seguida, prorrogarmos tal prazo até que a situação fosse normalizada, o que não ocorreu até o momento!

A preocupação maior era com as irmãs e os irmãos de nossas Fraternidades, que estão em sua maioria no grupo de risco, mas como faríamos para manter a vida fraterna? E diante do necessário isolamento para preservar a vida, os Regionais conseguiriam manter a conexão com as Fraternidades, para que não se apagasse a chama da vocação?

Junto a essas preocupações, atravessamos um tempo de grande polarização em nossa sociedade, incluindo a Igreja e na própria OFS, pois estamos submetidos às mesmas condições que o mundo está passando nestes tempos difíceis em que vivemos. Vimos o aumento da violência por parte do Estado, tanto na segurança pública, como no abandono de políticas de saúde, educação e sociais, o crescente desemprego, a precarização das condições de trabalho, a ausência de diálogo, a superficialidade com que assuntos importantes são tratados e irmãos defendendo o uso de armas, esquecendo-se do que nos apresenta a *Memoriale Propositi*, 16 – manter-se desarmados!

Recentemente celebramos os 800 anos do encontro de São Francisco e o Sultão, demonstrando que o diálogo é uma necessidade para o cristão, especialmente para nós franciscanos, tendo em vista a abertura que proclamamos para um mundo sem preconceitos e respeitando todas as criaturas.

A OFS do Brasil, com aproximadamente 15.000 irmãs e irmãos professos, caminha bem, mas o envelhecimento e a falta de vocações constituem uma realidade que temos que trabalhar, mesmo em tempos de pandemia. E, para isso, procuramos mostrar nossa integração como leigos na sociedade, através de ações promovidas pelo JPIC (Justiça, Paz e Integridade da Criação), defendendo e promovendo a vida que, junto com nossa irmã e mãe Terra, como chamava São Francisco, está sendo agredida e explorada de um modo desumano.

Deus é Pai e nós somos irmãos! Graças à criatividade dos Conselhos Regionais e Locais, estamos vencendo os obstáculos e abrindo caminho para que as Fraternidades se mantenham vivas e atraindo novas vocações. A solidariedade desabrochou e muitos irmãos dentro e fora da OFS foram socorridos, não só com palavras e gestos de carinho, mas também com alimentos e materiais de higiene e limpeza, ao lado de ações solidárias em prol dos mais necessitados e “descartáveis” da sociedade.

Essas ações estão mostrando um novo rosto da OFS e atraindo novas vocações.

Como num paradoxo, a falta dos encontros presenciais, ao invés de afastar, trouxe uma proximidade maior entre irmãos, através das redes sociais, encontros virtuais, telefonemas e até mesmo cartas, bilhetes e folhetos que estão sendo utilizados. Ninguém foi esquecido – especialmente aquelas irmãs e irmãos com maior tempo de profissão.

A JUFRA tem desempenhado um papel importante na comunicação pelas redes, numa integração cada vez maior com a OFS. A Ordem Franciscana Secular não pode parar, pois, do contrário, o carisma poderá desaparecer,

mas, para termos um futuro, precisamos de lideranças atuantes no mundo de hoje, pois a espiritualidade franciscana é completa em todos os sentidos e nos dá a oportunidade de crescer como pessoa humana e cristã.

Ao lado desses desafios, tivemos algumas boas notícias como a aprovação do Estatuto Nacional após 5 anos de tramitação no CIOFS, as *lives* promovidas junto com os Regionais e a JUFRA, divulgando as ações da Animação Vocacional, JPIC e do SEI, os encontros virtuais com Ministros, Vices e Formadores Regionais, a formação para a ereção da primeira Fraternidade no Estado do Acre, o grande avanço nos trabalhos de atualização dos livros da OFS do Brasil e o retorno à nossa antiga sede do Conselho Nacional.

Este tempo de pandemia, além da perda de muitos irmãos, trouxe algumas nuvens escuras para a OFS do Brasil, decorrentes da pandemia. Alguns Regionais não superaram totalmente a falta dos encontros presenciais; houve dificuldades financeiras, a desaceleração do cadastro nacional e a visita da irmã morte ao nosso Promotor Vocacional Devanir Reis.

Francisco de Assis sempre se apresentava como o irmão e aquele que incentivava o viver em Fraternidade e este é o nosso grande desafio pós pandemia: reconstruir a vida fraterna presencial e a consciência de pertença, para que surjam novas lideranças capazes de assumir a responsabilidade nos serviços dos Conselhos – local, regional e nacional.

Precisamos manter acesa a chama de nossa vocação. Fizemos a Profissão não por vaidade, mas para estarmos a serviço dAquele que nos cativou e com a certeza de que o carisma franciscano sempre terá algo a dizer aos homens e mulheres de hoje.

Aproveitemos este tempo de isolamento, que também é de graças, de esvaziamento, de silêncio, de incerteza e crise. Recordemos que a espiritualidade franciscana não se constrói pela força e que tudo tem que passar pelo mistério da Cruz!



## ORDEM FRANCISCANA SECULAR

*800 anos do “Memoriale Propositi”:*

### REGULAMENTO PARA OS IRMÃOS E IRMÃS PENITENTES

#### Um documento que reflete seu tempo

Francisco de Assis é um marco na vida da Igreja e do mundo. Um fenômeno. Há mais de oitocentos anos se fala dele. Há quem diga que foi o único cristão de verdade. Homens de Assis começaram a seguir seus passos e constituíram a *Ordem dos Frades Menores*. Clara, por sua vez, juntou-se a esse movimento marcadamente de penitência, de empenhos de conversão e de retorno ao frescor do Evangelho. Foram as *Irmãs Pobres de São Damião*, as *Clarissas*. Homens e mulheres casados, pais de família, pessoas solteiras de várias categorias e extratos sociais quiseram, na qualidade de penitentes, viver uma existência inspirada no jeito de viver de Francisco. Estes faziam parte do amplo movimento de irmãos e irmãs da penitência. Os que se inspiravam no viver de Francisco foram posteriormente conhecidos como membros da *Ordem Terceira Franciscana* (OTF). Com a promulgação da nova Regra dos terceiros, em 1978, por Paulo VI, os leigos franciscanos passaram a ser designados de *Ordem Franciscana Secular* (OFS). Era de se esperar esse acento no “secular” em tempos em que lutou-se pela valorização do mundo, do século, do viver do cristão na cidade dos homens. Estes franciscanos vivem no século. Eles, elas, os de hoje e nós comemoramos em 2021 os oitocentos anos do documento da Igreja (*Memoriale Propositi*) dos *penitentes que vivem nas próprias casas*. Naquele tempo...

Houve, no tempo de Francisco, um pulular de movimentos penitenciais, que visavam conversão do coração. O Evangelho parecia revisitar as terras da Europa, de modo especial a França e a Itália. Nem todos eles, os penitentes, podiam ingressar nas fileiras dos religiosos, como na recente Ordem dos Frades Menores, ainda em processo de aprovação pela Sé Apostólica e destinada aos que faziam os votos. Insistimos em dizer que, de muitas partes, não somente em Assis e ligados a São Francisco, surgiam pessoas lideradas por fortes personalidades e que, no ardor de seus propósitos, podiam correr o risco de desvios doutrinários, fanatismo e outras eventuais derrapagens. Nesse contexto é que se situa o *Memoriale Propositi*. O texto é destinado a todos os penitentes. Ele tem a data de 1221.

*Começa a Regra de vida dos irmãos e irmãs penitentes (...). O Memorial de Projeto de vida dos irmãos e das irmãs da penitência, vivendo em suas próprias casas, iniciado no ano do Senhor de 1221, é este... e segue a longa enumeração.*

- Trata-se de um primeiro documento oficial que fornecia normas para a vida dos penitentes da época. Estamos diante de um texto orientativo, exortativo, guia de comportamentos práticos e concretos. Esclarecia pontos, dava e fornecia diretivas para esse pulular de movimentos leigos. O *Memoriale Propositi* esmiúça a vida dos irmãos. Seus autores não falam de uma espiritualidade em particular. Como o texto se destinasse a muitos grupos, notamos a ausência de referências e corroborações do caminho espiritual de São Francisco. Um texto seco. Não se menciona Deus nem Jesus.
- Lembramos que para aqueles que buscavam orientação junto a Francisco parecia valer antes de tudo a *Carta de Francisco a todos os Fieis* (primeira versão), que aparece nas primeiras páginas da Regra de Paulo VI, como Prólogo baixo à designação de “Exortação de São Francisco aos irmãos e irmãs sobre a Penitência”. Nesse texto os seculares franciscanos encontraram o tom da fala e o

coração de Francisco. Ali sim aparece o vulto de Francisco.

- O *Memoriale* comporta 39 tópicos com oito títulos: modo de vestir; abstinência; jejum; modo de rezar; confissão, comunhão, dever de restituição, de não levar armas e sobre os juramentos; missa e reunião mensal; visita aos doentes e sepultura dos mortos; da correção, dispensa e oficiais. Podemos dizer que por detrás destes 38 tópicos há firme orientação na linha da honestidade e justiça.
- Não é aqui o espaço para analisar esta orientação geral fortemente marcada pelo ar daquele tempo e pela Igreja do começo do século XIII. Estamos, hoje, acostumados a viver tempos novos em nossa Igreja. Vivemos a primavera (!!!) do Concílio do Vaticano, com todas as suas consequências, sua implementação nem sempre bem compreendida. Tivemos a alegria de ver publicada a Regra de Paulo VI em 1978. Tenho diante dos olhos esse caderninho amarelo que todos os franciscanos manuseamos numa perspectiva diferente do *Memoriale*. A Regra de 1978 é marcada pelas *Fontes Franciscanas* e pelo espírito do Vaticano II. Ordem Franciscana Secular nesse mundo de todos os dias e não fazendo de seus membros mini-religiosos. Aqui não é o lugar de colocar lado a lado os imensíssimos pontos de diferença entre o



Memorial e nossos tempos. Recordar é viver. Mas não se leva sempre o “coração para trás”. Trazemos o bom do passado e apontamos para um amanhã que o Espírito pode criar em nós.

### **Algumas insistências do documento - Coisas de família, da família terciária**

Nem todas as normas do *Memoriale* valem para os nossos tempos. Uma ou outra pode até provocar um leve sorriso. Outras são atuais. Vamos percorrer alguns dos tópicos apenas para ilustração.

- Há minuciosas prescrições a respeito das vestes dos irmãos e das irmãs. Modéstia no vestir, panos baratos.... bolsas de couro, cinturões trabalhados sem enfeites de seda. Não usar fitas com enfeites de seda. Tudo trabalhado com simplicidade. Tempo em que o dinheiro começava a ser rei.
- Não tomem parte em reuniões desonestas, em espetáculos e bailes.
- Regras pormenorizadíssimas a respeito de jejum e abstinência. Observação curiosa: “Ao se encontrarem com religiosos nos seus conventos, poderão comer de tudo o que lhes for servido. E fiquem contentes com o almoço e a ceia, excetuando os fracos e os doentes e os que estiverem viajando. Os sadios sejam moderados em seu comer e beber”. No capítulo do jejum há uma curiosa observação: “As irmãs grávidas poderão abster-se das mortificações corporais até sua purificação, mas não no modo de vestir-se e das orações.
- No tocante à oração, há fortes marcas da maneira de rezar servindo-se das Horas Canônicas. Muitos Pa-nossos também. Os doentes rezem as horas que quiserem. Todos devem ir às Matinas na Quaresma de São Martinho e na Quaresma maior, se não houver impedimentos graves de pessoas e circunstâncias.
- Um tópico que chama atenção é o que fala da confissão, comunhão, juramento (n. 15 a 18): confissão dos pecados três vezes por ano; comunhão no Natal, na Páscoa e em Pentecostes. Curiosa determinação: “Reconciliem-se com o próximo, devolvam o que não é seu. Paguem os dízimos atrasados e garantam os futuros”. Estamos diante de incentivos a comportamentos que pedem correção de vida. Afinal, são grupos de penitentes.
- Há um apelo na direção da paz: “Não recebam nem levem consigo armas mortais contra quem quer que seja. Insiste-se na questão do não juramento: “E, quanto for possível, evitarão juramentos em sua conversa comum. E quem jurar inadvertidamente, por *um lapso de linguagem*, como acontece com quem fala muito, deve repensar no que fez à noite do mesmo dia e, por tais juramentos, diga três Pai-Nossos.

### **Palavra final**

Acabamos de rever “fotos” de nossa família... fotos antigas... de coisas meio desajeitadas, de costumes e hábitos diferentes. Mas, documentos sobre a vida dos penitentes da Idade Média, entre os quais se encontravam os leigos franciscanos. 800 anos do *Memoriale Propositi* (1221-2021).

- Um conselho solto que vale para hoje: “Todos encorajem sua própria família no serviço de Deus”.
- Há um inciso sobre a missa e a reunião mensal: todos os meses os irmãos se reúnam na Igreja que o Ministro indicar e assistam à missa. “E todos deem ao ecônomo um dinheiro comum. O próprio ecônomo recolha-os e, com o parecer dos Ministros, distribua-os aos irmãos e irmãs pobres, aos doentes e aos que não puderam ter suas exéquias fúnebres”. Depois sejam dados aos pobres e à Igreja em que “assistem” a missa.
- Um religioso assistente: “E se, então, o puderem fazer comodamente, tenham um religioso instruído na Palavra de Deus que os admoeste, os exorte à perseverança na penitência e a fazer as obras de misericórdia. E fiquem em silêncio durante a missa e a pregação, atentos ao rito, à oração e à pregação, excetuando-se os encarregados do ofício”. Naquele tempo... ficar em silêncio...
- Há um inciso sobre a visita aos doentes e sepultura dos mortos. Nem todo o inciso se refere aos doentes e falecidos. Extraio algumas determinações:
  - Os Ministros ou outros visitem o doente uma vez por semana, exortem-no à penitência e tirem do caixa comum o que for necessário para o corpo.
  - Se o enfermo passar dessa vida à outra todos sejam avisados, mesmo de outras cidades. Não partam antes que a missa seja celebrada e o corpo sepultado. E são esmuciadas as orações e missas pelos irmãos falecidos.
  - Dentro de três meses depois de sua Profissão façam o seu testamento. Ninguém morra sem ter feito o testamento. Isto vale para os nossos tempos, para evitar desnecessários litígios.
  - Os Ministros determinarão o modo de restabelecer a paz entre os irmãos. Se necessário, peçam a ajuda do bispo.
  - Se os irmãos vierem a sofrer vexames, o Ministro faça o que for oportuno com o conselho do senhor bispo.
  - Quando alguém quiser ingressar na Fraternidade, seja acolhido pelo Ministro, que lhe expõe os deveres da Fraternidade e principalmente a obrigação de devolver as coisas alheias. Examine se a profissão que exerce não está em contradição com o caminho dos penitentes. Além disso, “...pague em moeda corrente o que deve aos outros, conforme o acordo estabelecido e o penhor deixado em garantia. Reconciliem-se com o próximo e paguem os dízimos”.
  - Quem quiser ingressar numa Ordem religiosa pode deixar a Fraternidade. De outra forma, não.
  - Há uma determinação curiosa a respeito dos acusados de heresia: “Não seja recebido nenhum herege ou acusado de heresia. Mas, se for suspeito, depois de ter justificado diante do bispo e de cumprir os demais requisitos, pode ser admitido”

## Nos caminhos de Canindé: A grande celebração do Jubileu vem aí!

*"Até aqui nos ajudou o Senhor." (1 Samuel 7:12)*

**E**m janeiro deste ano de 2021, a Juventude Franciscana do Brasil completou os seus 50 anos de luta e de missão em nosso país. A OFS também está em festa e celebra 800 anos de experiência evangélica no mundo. Envolvidos pela alegria de celebrar tanta história e cheios de gratidão pelas muitas pessoas que colaboraram com essa caminhada, "Deus chama a gente pra um momento novo". Unidas enquanto Família Franciscana, a JUFRA e a OFS percorrem um caminho rumo à cidade de Canindé-CE para a realização de uma grande celebração.

Há mais de um ano o mundo inteiro está vivenciando um momento triste e delicado ao enfrentar a pandemia de Covid-19. Nossas fraternidades locais precisaram se reorganizar e ressignificar a vida fraterna, passando a realizar os encontros por meios virtuais. Diante de toda dificuldade, essa nova realidade nos trouxe impedimentos quanto à realização deste momento celebrativo. "Irmãos vamos recomeçar!" Foi preciso recomeçar! Sacudir a poeira e, de mãos dadas, continuar a caminhar mesmo que de um jeito diferente! Portanto, para garantir a preservação da vida e da saúde dos nossos irmãos e irmãs, a festa da Família Franciscana precisou ser adiada, mas sempre com o sentimento de perseverança e de renovação do nosso carisma. Afinal, "Para tudo há uma ocasião certa, há um tempo certo para cada propósito debaixo do céu" (Eclesiastes 3, 1).

No dia 29 de fevereiro de 2020, durante o Capítulo Avaliativo realizado em Campo Grande/MS, o Conselho Nacional da OFS do Brasil fez o lançamento da Celebração do Jubileu JUFRA/OFS, que será realizada entre os dias 21 e 24 de abril de 2022 e terá como tema "De Assis a Canindé: memória, compromisso e esperança" e como lema "Do Evangelho à vida e da vida ao Evangelho". O tema e o lema nos trazem à **MEMÓRIA** aquele Santo que revolucionou a cidade de Assis e o quanto ele deixou de ensinamento para os franciscanos e franciscanas revolucionarem o mundo de hoje. A partir disso, reforça o



# #RumoA Canindé

nosso **COMPROMISSO** de vida evangélica, nos convidando a olhar para a nossa realidade local e buscar, com ternura e vigor, a construção da tão sonhada Civilização do Amor. Portanto, esta Celebração nos remete também à **ESPERANÇA** de que dias melhores virão e que nós somos os instrumentos dessa transformação.

No dia 08 de março de 2020 realizou-se a primeira reunião em preparação para Canindé, com representantes da OFS, JUFRA, TOR e CFFB. Entre os dias 24 a 26 de junho do mesmo ano foi realizado um tríduo celebrativo em preparação ao jubileu, com a participação conjunta dos mesmos. Neste tríduo celebrativo foram recordados os 800 anos do princípio, da raiz da vida da Terceira Ordem Franciscana, contidos na Carta aos Fiéis, bem como os 50 anos do início oficial da Juventude Franciscana do Brasil, estruturada pelos trabalhos de Frei Eurico de Melo, OFMCap.

Entre 06 de julho e 02 de novembro de 2020, na Web Rádio Santo Antônio, o tema #RumoACanindé foi abordado em 5 programas, através de partilha, momentos de espiritualidade franciscana, conversa sobre a presença dos leigos junto ao movimento franciscano, sobre os santos patronos da OFS e Jufra e reflexão sobre a carta aos fiéis.

Neste ano jubilar, preparemos o nosso coração para vivenciar com amor e alegria essa comemoração, que é nossa. Não desanimem e estejam sempre em oração, para que o nosso encontro aconteça conforme a vontade de Deus Pai.

**"Somos Franciscos e claras pelo mundo, Testemunhando com o jeito de viver. Somos terceiros de Francisco, nosso irmão, Com o tau no coração Paz e bem queremos ser, fazer no mundo acontecer! (Paz e bem fazer acontecer)".**

#### Texto de

Emanuelly Matias de Lima, JUFRA - Secretária Regional de Formação (NE A3 - PB/RN),  
Paula Brenda Fernandes, JUFRA - Secretária Regional de Formação (Sul 1 - PR)  
Ana Raquel de Freitas Aleixo, JUFRA - Secretária Regional de Formação (NE B1 - PE/AL)

## AMIZADE

**O amigo é alguém que caminha ao nosso lado, mesmo se separado por milhares de quilômetros ou dezenas de anos.**

**O longe e a distância são completamente relativizados pela prática da amizade. De igual maneira o silêncio e a palavra.**

**Um amigo reúne estas condições que parecem paradoxais: ele é, ao mesmo tempo, a pessoa a quem podemos contar tudo e aquela junto de quem podemos estar longamente em silêncio, sem sentir com isso qualquer constrangimento.**

**A amizade cimeta-se na capacidade de fazer circular o relato da vida, a partilha de pequenas histórias, a nomeação verbal da luz mais íntima que nos alumia.**

**A amizade é fundamentalmente uma grande disponibilidade para a escuta, como se aquilo que dizemos fosse sempre apenas a ponta invisível de um maravilhoso mundo interior e escondido que não serão as palavras a expressar.**

**Aquilo de que uma amizade vive também dá que pensar.**

**É impressionante como ela acende em nós gratas marcas tão profundas com uma desconcertante simplicidade de meios:**

**um encontro dos olhares (mas que sentimos como uma saudação trocada entre nossas almas),**

**uma qualidade de escuta, o compartilhar mais breve ou demorado de uma mesa ou de uma conversa,**

**um compromisso comum num projeto, uma qualquer ingênua alegria...**

**A linguagem da amizade é discreta e tênue, e, ao mesmo tempo, é inesquecível e impressiva.**

José Tolentino Mendonça  
Prefácio ao livro *Os Beijos não dados*  
de Ermes Ronchi





**ORAÇÃO DOS TRABALHADORES A SÃO JOSÉ  
(ADAPTADA)**

**REZE E PEÇA A INTERCESSÃO DE SÃO JOSÉ PELO SEU TRABALHO**

**GLORIOSO SÃO JOSÉ,  
MODELO DE TODOS OS QUE SE DEDICAM AO TRABALHO,  
OBTENDO-NOS, DO CRIADOR DO UNIVERSO,  
A GRAÇA DE TRABALHAR COM CONSCIÊNCIA,  
CUMPRINDO COM FIDELIDADE NOSSOS DEVERES;  
DE TRABALHAR COM RECONHECIMENTO E ALEGRIA,  
JULGANDO UMA HONRA EMPREGAR  
E DESENVOLVER, PELO TRABALHO,  
AS QUALIDADES RECEBIDAS DE DEUS  
COMO UM CHAMADO DIVINO  
PARA COLABORAR NA OBRA DA CRIAÇÃO  
E APERFEIÇOAMENTO DESTES MUNDOS;  
DE TRABALHAR COM ORDEM, PAZ,  
MODERAÇÃO, PACIÊNCIA E EFICIÊNCIA,  
SEM NUNCA RECUAR PERANTE O CANSAÇO E AS DIFICULDADES;  
DE TRABALHAR EM ESPÍRITO DE PENITÊNCIA  
PARA EXPIAR NOSSOS PECADOS;  
DE TRABALHAR SOBRETUDO COM DESAPEGO  
E COM DEDICAÇÃO PELOS QUE DEPENDEM DE NOSSO ESFORÇO.  
PEDIMOS VOSSA INTERCESSÃO PELO MUNDO DO TRABALHO:  
QUE AÍ REINE O ESPÍRITO CRISTÃO DA JUSTIÇA E DE PAZ,  
CONFORME OS ENSINAMENTOS DA IGREJA;  
QUE OS TRABALHADORES SE UNAM EM ORGANIZAÇÕES  
QUE DEFENDAM SEUS DIREITOS E RESPEITEM OS ALHEIOS;  
QUE PATRÕES E EMPREGADOS  
SE TRATEM MUTUAMENTE COMO IRMÃOS E FILHOS DO MESMO PAI;  
QUE SE CONVERTAM OS QUE IGNORAM  
A DIGNIDADE DA PESSOA HUMANA  
E EXPLORAM O OPERÁRIO E O POBRE.  
CONVOSCO AGRADECEMOS A DEUS A SAÚDE,  
A FORÇA, A DISPOSIÇÃO  
E AS HABILIDADES QUE NOS PERMITEM PROVIDENCIAR  
O SUSTENDO DE NOSSOS FAMILIARES  
E SEREM MEMBROS ATUANTES DA SOCIEDADE.  
TUDO À VOSSA IMITAÇÃO, SÃO JOSÉ!  
AMÉM.**



**ÓRGÃO OFICIAL DA  
ORDEM FRANCISCANA  
SECULAR DO BRASIL**

**Igreja de São Francisco da Prainha**  
Adro de São Francisco, s/nº - Bairro da Saúde,  
CEP: 20081-290 - Rio de Janeiro - RJ  
Telefax: (21) 2240-4565 e 2516-3478  
E-mail: [pazebem@ofs.org.br](mailto:pazebem@ofs.org.br)  
Caixa Postal: 50052 - CEP 20050-971

